

# cinemateca

## DEZEMBRO 2023



- ✱ **HOURS AND HOURS – OS FILMES PARA TELEVISÃO DOS GRANDES MESTRES DE HOLLYWOOD**
- ✱ **DJIBRIL DIOP MAMBÉTY – CAVALGAR O VENTO**
- ✱ **BORIS LEHMAN – REALIZADOR CONVIDADO**

# CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

Neste dezembro trazemos um punhado de clássicos da História do cinema, mais um filme de tema natalício feito mais recentemente. Começamos com *THE GENERAL* (ou *PAMPLINAS MAQUINISTA*), o mais icónico filme de e com Buster Keaton. Grande comédia, ação e melodrama dos tempos do mudo, acompanhado ao vivo pelo piano de Catherine Morisseau. Continuamos com um dos maiores momentos do filme musical dançado, *TOP HAT* (1935), uma oportunidade para descobrir ou redescobrir porque ficaram na História o par de dançarinos/atores Fred Astaire e Ginger Rogers. Mostramos também dois clássicos do cinema de animação dos estúdios de Walt Disney: *DUMBO* (1941), um elefante que dispensa apresentação (que será a nossa sessão descontraída do mês) e *FANTASIA* (1940), uma longa-metragem composta por diversas histórias animadas a partir de conhecidas peças de música clássica. Entre estes dois, mostramos também um filme bem mais recente, *ARTHUR CHRISTMAS* (2011), a primeira e bem-sucedida longa-metragem de animação em 3D digital dos estúdios britânicos Aardman (por demais reconhecidos pelos seus filmes de animação em *stop-motion*). A oficina será no meio do mês, no dia 16, e nela vamos brincar com a luz e as sombras a propósito do Natal, e descobrir o mundo dos teatrinhos de silhuetas.



ARTHUR CHRISTMAS

► Sábado [02] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

## THE GENERAL

*Pamplinas Maquinista*

de Buster Keaton, Clyde Bruckman

com Buster Keaton, Joe Keaton, Charles Smith

Estados Unidos, 1927 – 79 min / mudo, legendado em português | M/6

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR CATHERINE MORISSEAU

A história passa-se durante a guerra civil americana, e Buster Keaton encarna Johnnie, um engenheiro ferroviário que tem dois amores: a namorada, Annabelle, e uma locomotiva chamada "The General", que dá o nome ao filme. O inimigo captura ambas e Johnnie não descansa enquanto não as resgata sãs e salvas. Um filme recheado de momentos de riso, claro, mas ao mesmo tempo um melodrama e um filme de ação com uma cuidada reconstituição histórica. Era entre os seus filmes aquele de que Keaton mais se orgulhava e contém algumas das mais fantásticas proezas físicas e coreografias cômicas da História do cinema. A apresentar em cópia digital.

► Sábado [09] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

## TOP HAT

*Chapéu Alto*

de Mark Sandrich

com Fred Astaire, Ginger Rogers, Edward Everett Horton

Estados Unidos, 1935 – 101 min / legendado em português | M/6

Um dos momentos maiores do cinema musical e o mais popular da dupla Astaire-Rogers, onde se destacam os números *Isn't It a Lovely Day?* e *No Strings*. Com os dois e, em especial o espetacular *Top Hat, White Tie and Tail* com Astaire e uma legião de "clones" que é uma perfeita homenagem ao grande bailarino. E a belíssima música de Irving Berlin com 11 melodias, entre elas *Cheek to Cheek* (nomeada para o Oscar de Melhor Canção). A apresentar no Lisbon Screendance Festival no âmbito da colaboração da Cinemateca com o festival InShadow – Lisbon Screendance Festival (ver página 16).

► Sábado [16] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

## DUMBO

*Dumbo*

de Samuel Armstrong, Norman Ferguson,

Wilfred Jackson

Estados Unidos, 1941 – 64 min / dobrado em português do Brasil | M/4

Uma pequena maravilha saída dos estúdios de Walt Disney. *DUMBO* é a adaptação de uma série de histórias populares da autoria de Helen Aberson e Harold Pearl, que contam as aventuras de um elefante marcado pela diferença: Dumbo é de tamanho reduzido e tem orelhas enormes. Mas descobrirá que estas lhe permitem voar. Um filme que mostra que a "diferença" não é necessariamente uma coisa má.

## Sessão Descontraída

A sessão decorre numa atmosfera mais acolhedora e com regras mais flexíveis no que diz respeito ao movimento e ao ruído dos espectadores, e pode implicar pequenos ajustes na iluminação e no som, bem como no acolhimento do público, para melhor se adaptar às suas necessidades. Com a consultoria da associação Acesso Cultura."

► Sábado [23] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

## ARTHUR CHRISTMAS

*Arthur Christmas*

de Sarah Smith, Barry Cook

Reino Unido, Estados Unidos, 2011 – 97 min / legendado em português | M/6

*ARTHUR CHRISTMAS* é um filme cuja ação se centra na época natalícia e numa família muito particular, a do Pai Natal. Esta família tal como as outras tem os seus momentos complicados, principalmente no dia da entrega de presentes às crianças do mundo inteiro. Mas como é que eles conseguem? *ARTHUR CHRISTMAS* é um filme produzido pelos famosos estúdios de animação ingleses, a Aardman Animations, criadores dos nossos amigos Wallace e Gromit e de *A FUGA DAS GALINHAS*, e foi a primeira animação destes estúdios a ser produzida integralmente em computador.

► Sábado [30] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

## FANTASIA

*Fantasia*

de Walt Disney

Estados Unidos, 1940 – 120 min / dobrado em português do Brasil | M/6

O mais ambicioso projeto do mago dos desenhos animados, Walt Disney: um grande filme de animação que dá a ver (e a ouvir) algumas composições musicais célebres, da *Pastoral de Beethoven à Sagração da Primavera* de Stravinski. A primeira é ilustrada com uma divertida história no Olimpo grego e a segunda acompanha a origem do mundo e da vida e a extinção dos dinossauros. E há mais: uma irresistivelmente cômica *Dança das Horas*, dançada por crocodilos e hipopótamos, além da presença de Mickey Mouse como *Aprendiz de Feiticeiro*. Entre outras grandes composições.

## OFICINA

► Sábado [16] 11h00 | Sala de leitura da Biblioteca

### TEATRO DE SILHUETAS – A CAIXA DO NATAL EM LUZ E SOMBRAS

Conceção e orientação: Equipa da Cinemateca Júnior

Duração: 2 horas

Para crianças a partir dos 6 anos

Preço: 4,00€ por criança

Marcação prévia para

cinemateca.junior@cinemateca.pt até 9 de dezembro

Com uma caixa de sapatos e pouco mais, e pensando no Natal que aí vem, vamos desenhar, recortar e montar imagens, personagens e tudo o mais que quisermos, para fazer um pequeno teatro de silhuetas. Animando as silhuetas com as nossas mãos podemos criar um espetáculo de Natal e, quando estão paradas, também formam um belo quadro. Só precisamos de uma luz, e de escuro na sala, como no cinema.

## ÍNDICE

CINEMATECA JÚNIOR	02
HOURS AND HOURS – OS FILMES PARA TELEVISÃO	
DOS GRANDES MESTRES DE HOLLYWOOD	03
DJIBRIL DIOP MAMBÉTY – CAVALGAR O VENTO	09
BORIS LEHMAN – REALIZADOR CONVIDADO	11
O QUE QUERO VER ESPECIAL	13
SÁBADOS CLÁSSICOS	14
LISÍSTRATA – UMA LEITURA, UMA PROJEÇÃO	15
ANTE-ESTREIAS	15
NOS 25 ANOS DA AIP	16
A CINEMATECA COM O	
INSHADOW – LISBON SCREENDANCE FESTIVAL	16
COM A LINHA DE SOMBRA	17
A CINEMATECA COM O DOC'S KINGDOM: AMY HALPERN	17
ROBERT BRESSON VISTO POR ROBERT B. PIPPIN	17
O DIA MAIS CURTO	18
O CENTENÁRIO DO CINEMA DE ANIMAÇÃO PORTUGUÊS	18
INADJECTIVÁVEL	18
CALENDÁRIO	19

## CAPA ROOKIE OF THE YEAR

de John Ford [rodagem, Estados Unidos, 1955]

### AGRADECIMENTOS

Ansgar Schaefer, Basil da Cunha, Boris Lehman, Gonçalo Waddington, José Barahona, Mário Fernandes, Paolo Marinou-Blanco, Susana Sousa Dias, Taylor Morales (Academy Film Archive), Carmen Accaputo (Cineteca di Bologna), Georges Bildgen (Cinémathèque du Luxembourg), Petteri Kalliomäki (National Audiovisual Institute – Finland), Lina Manolopoulou (Greek Film Center), Léa Barom, Giusi Tinella (Institut Français), Rosalinda Rita (O Som e a Fúria), Kajsa Hedström (Swedish Film Institute), Diana Kluge (Deutsch Kinematek), Roberto della Torre (Cineteca di Milano), Andy Rector, Fernando Galrito, Tony Costa, Daniel Pereira (The Stone and the Plot), Duarte Guimarães, Ricardo Aibéo, Rita Durão, Rita Loureiro, Sofia Marques Sul – Associação Cultural e Artística, João Constandio (IFILNOVA).

Iceland  
Liechtenstein  
Norway grants

REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
CULTURA

cinemateca  
portuguesa  
MUSEU DO CINEMA, IP

## HOURS AND HOURS – OS FILMES PARA TELEVISÃO DOS GRANDES MESTRES DE HOLLYWOOD

// Horas e horas de drama”, dizia o crítico Bill Krohn sobre a oferta televisiva que era disponibilizada pela televisão americana a partir de meados dos anos 50 (quando se dá não só a massificação da sua presença doméstica como se assiste à sua primeira “idade de ouro”). Num contexto

cultural e social em que o cinema começava a perder importância e espectadores para a televisão, esta foi “roubar” a Hollywood muitas ideias, modelos narrativos e talentos criativos. De certa maneira, a televisão americana dessa época foi uma continuação do cinema americano com outra escala e outros métodos de trabalho, mas ainda ligada à grande arte narrativa do cinema clássico e à sua fascinante capacidade de traduzir um fértil imaginário coletivo em infinitas histórias. Nessa passagem de muitos dos veteranos realizadores de Hollywood (e também dos seus argumentistas, atores e técnicos) para a experiência de produção para as cadeias de televisão encontramos como formato mais comum a contribuição com um ou vários episódios autónomos para uma qualquer série de prestígio. O melhor exemplo será o da série *Screen Directors Playhouse*, pela qual passaram tantos apelidos sonantes (McCarey, Ford, Walsh, Dwan e Borzage, para ficar só por alguns dos maiores). Noutros casos, a notoriedade dos nomes e a caução do cinema eram usadas como “marcas”, como foi o caso de Alfred Hitchcock, que emprestou a figura e o nome a duas séries muito populares (*Alfred Hitchcock Presents* e *The Alfred Hitchcock Hour*), o *The Barbara Stanwyck Show* (para a qual Jacques Tourneur dirigiu 11 episódios) ou o menos convencional *Around the World with Orson Welles* (produzido e exibido fora dos Estados Unidos). Mas se para os nomes até agora referidos o trabalho para televisão foi apenas um desvio mais ou menos acentuado numa carreira essencialmente feita para o grande ecrã, noutros casos, alguns deles autores ou “tarefeiros” com décadas de experiência em cinema (Ida Lupino, Stuart Heisler e Phil Karlson para dar três exemplos), o pequeno ecrã tornou-se a sua nova casa. Nas suas múltiplas declinações, as “portas giratórias” entre o cinema e a televisão americanos desses anos do início do fim do *studio system* são extraordinariamente reveladoras da reconfiguração do cinema americano e valem bem a redescoberta pois para além do muito que se conhece há pelo menos outras tantas “hours and hours” ainda por aclarar.

Concebido em colaboração com o programador convidado Andy Rector (que assina também todas as notas individuais que se seguem sobre a componente televisiva do programa), este Ciclo é uma primeira tentativa mais sistemática de revisitação dessa componente menos conhecida que a História do cinema partilha com a História da televisão. Para cada um dos 15 realizadores em foco selecionámos pelo menos um dos seus mais significativos trabalhos para televisão (à exceção dos episódios de John Ford, Frank Borzage e Alfred Hitchcock, todos inéditos na Cinemateca) e complementamos a sua apresentação com pelo menos um título da respetiva obra cinematográfica com o qual se podem estabelecer rimas e correspondências várias, mais ou menos óbvias.



► Sábado [02] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### THREE COMRADES

*Três Camaradas*

de Frank Borzage

com Margaret Sullavan, Robert Taylor, Franchot Tone, Robert Young

Estados Unidos, 1938 – 98 min / legendado em português | M/12

THREE COMRADES é um dos mais luminosos melodramas de Frank Borzage, co-escrito por Scott Fitzgerald, com base num romance de Erich Maria Remarque, ambientado na Alemanha pré-nazi. Três jovens soldados, amigos de longa data, partilham o amor pela mesma mulher, que está a morrer de tuberculose e que com a sua força os ajuda a transcender o drama. Interpretações fulgurantes, e uma Margaret Sullavan mais radiosa do que nunca.

► Sábado [02] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### THE DAY I MET CARUSO

de Frank Borzage

com Sandy Descher, Lotfi Mansouri, Bill Walker

Estados Unidos, 1956 – 26 min

### A TICKET FOR THADDEUS

de Frank Borzage

com Edmund O'Brien, Alan Hale Jr., Narda Onyx

Estados Unidos, 1956 – 25 min

duração total da projeção: 51 min

legendados eletronicamente em português | M/12

A poeta, dramaturga e argumentista Zoe Akins (cuja peça *Daddy's gone a-hunting* fora adaptada por Borzage em 1925 como um filme mudo) escreveu o guião de THE DAY

I MET CARUSO, quase evangélico na sua simplicidade: Elizabeth (Sandy Descher), uma menina muito sábia de uma austera família *quaker*, faz uma viagem de comboio e partilha a carruagem com o tenor de ópera Enrico Caruso (Lotfi Mansouri), durante uma digressão pelos Estados Unidos. Com a sua pureza *quaker*, Elizabeth critica Caruso pela sua extravagância, pois ele tem “demasiadas peles caras no seu casaco, beija demasiadas senhoras sem qualquer motivo”. Caruso ensina-a a jogar às cartas e começa a cantar-lhe árias, à medida que a mente de Elizabeth se vai abrindo. “O amor é equiparado à música e a música ao céu”, escreveu Hervé Dumont sobre a mais pessoal obra televisiva de Borzage, acrescentando que “a preeminência da música como elo imaterial e veículo de felicidade é uma constante em todo o seu trabalho de som”. Em A TICKET FOR THADDEUS, Borzage voltou a trabalhar com um parceiro da era do mudo, o diretor de fotografia Paul Ivano (STREET ANGEL, QUEEN KELLY) numa história devastadora sobre um mercenário polaco (Edmund O'Brien), um sobrevivente de um campo de concentração nazi recentemente instalado em Los Angeles, cujo medo de uniformes se transforma num insuportável terror quando tem um acidente de carro, que o leva a enfrentar a polícia e os tribunais norte-americanos. Esta fábula realista é também uma obra fundamental de A.I. Bezzerides, que escreveu o argumento, e é notável encontrar, na programação televisiva de 1956, a câmara de Borzage/Ivano a esculpir o espaço, e os *close-ups*, especialmente de Narda Onyx (que interpreta a filha do protagonista), com a intimidade do cinema mudo.

► Segunda-feira [04] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### EAST SIDE, WEST SIDE

*A Cidade Gigante*

de Allan Dwan

com George O'Brien, Virginia Valli, J. Farrell MacDonald

Estados Unidos, 1927 – 97 min

mudo, legendado eletronicamente em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

Um dos melhores Dwans da fase final do mudo, EAST SIDE, WEST SIDE é também um grande filme de Nova Iorque, naquela época em que o cinema primeiro se enamorou pela “cidade gigante”, como lhe chamou o título português. A história vive muito de arquétipos, o bom rapaz modesto a quem a fortuna sorri (George O'Brien, no mesmo ano do SUNRISE de Murnau), e o filme usa maravilhosamente as ruas e paisagens nova-iorquinas. A exhibir em cópia digital.

► Segunda-feira [04] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### HIGH AIR

de Allan Dwan

com William Bendix, Dennis Hopper, John Mitchum

Estados Unidos, 1956 – 25 min

### IT'S ALWAYS SUNDAY

de Allan Dwan

com Dennis O'Keefe, Fay Wray,

Sheldon Leonard, Chick Chandler

Estados Unidos, 1955 – 25 min

duração total da projeção: 50 min

legendados eletronicamente em português | M/12

HIGH AIR conta a história da redenção de um pai e um filho entre os “sandhogs”, os homens que escavam

túneis subterrâneos para a construção do metro. Ainda que não seja conhecido por histórias de proletários (um plano do filme de Walsh de 1935, *UNDER PRESSURE*, é reutilizado em *HIGH AIR*), Dwan também não fora alheio à realização de filmes sobre estes passados em Nova Iorque (*MANHANDLED, EAST SIDE, WEST SIDE*), estando em boa companhia com um argumento de A.I. Bezzerides (grande autor de várias obras sobre a classe operária: *THIEVES HIGHWAY, ON DANGEROUS GROUND*), uma história de Borden Chase, e dois protagonistas contrastantes: William Bendix e o jovem Dennis Hopper. Ainda sobre “a graça dos párias”, *IT’S ALWAYS SUNDAY*: “O que nos diz o padre sempre otimista (Dennis O’Keefe)? Para desarmar os bandidos (Sheldon Leonard, Chick Chandler) que planeiam novos estragos, emprestem-lhes o vosso carro, mandem-nos fazer os vossos recados, confiem neles e colherão o que semearam. Esta caridade evangélica explica o arco dramático de muitos dos filmes de Dwan” (segundo Michael Henry Wilson). O’Keefe e Fay Wray estão francamente envelhecidos e roucos neste típico ambiente doméstico dos anos 50, de resto reluzente, daqueles que a televisão se esmerou a definir. Os vagabundos que nele entram trazem consigo os anos 30 (até uma referência às políticas de pleno emprego do *New Deal* rooseveltiano) e, de certo modo, de todos os filmes de Dwan dessa época. Quando questionado sobre os dois únicos telefilmes que realizou, Dwan disse: “...são apenas duas pequenas brincadeiras. Estávamos de volta aos velhos tempos das duas bobinas”. No único ano que separa estas duas curtas-metragens televisivas, Dwan realizou cinco longas-metragens: *ESCAPE TO BURMA, PEARL OF THE SOUTH PACIFIC, TENNESSEE’S PARTNER, SLIGHTLY SCARLET* e *HOLD BACK THE NIGHT*. A exibir em cópias digitais.

► Terça-feira [05] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro  
► Quarta-feira [27] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### HIGH GREEN WALL

de Nicholas Ray  
com Joseph Cotten, Thomas Gomez,  
Maurice Marsac, Marshall Bradford  
Estados Unidos, 1954 - 24 min

### THE SAVAGE INNOCENTS

*Sombras Brancas*  
de Nicholas Ray  
com Anthony Quinn, Yoko Tani, Marie Yang, Peter O’Toole  
Reino Unido, França, Itália, 1960 - 107 min

duração total da projeção: 131 min  
legendados eletronicamente em português | M/12

Nicholas Ray realizou apenas duas obras para televisão: *SORRY, WRONG NUMBER*, em 1945 (três anos antes da sua primeira longa-metragem, *THEY LIVE BY NIGHT*) - uma das primeiras realizações da televisão americana em direto, numa altura em que haveriam apenas dez mil televisores no país e que, não tendo sido gravado, é considerado perdido - e *HIGH GREEN WALL*, realizado logo a seguir a *JOHNNY GUITAR*, para a série *General Electric Theater*: na selva, um homem é capturado por outro homem, que o condena a ler-lhe para todo o sempre a obra completa de Dickens. Partindo de um conto verdadeiramente prodigioso, *The Man Who Liked Dickens*, de Evelyn Waugh, *HIGH GREEN WALL* revela todo o excesso e romantismo do cinema de Ray. *THE SAVAGE INNOCENTS* marca o começo da fase mais difícil das atribuições de Nicholas Ray pela Europa para levar a cabo os seus projetos tal como os concebeu. É a história de um esquimó forçado a fugir da lei, com a mulher, por ter morto um missionário que ofendera a sua hospitalidade. É um dos primeiros filmes de Peter O’Toole. *HIGH GREEN WALL* é exibido em cópia digital.



BANG! YOU'RE DEAD

► Quinta-feira [07] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro  
► Segunda-feira [18] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### NOT WANTED

de Elmer Clifton, Ida Lupino (não creditada)  
com Sally Forrest, Keefe Brasselle,  
Leo Penn, Dorothy Adams

Estados Unidos, 1949 - 91 min  
legendado eletronicamente em português | M/12

Este filme, em que Ida Lupino “apenas” vem creditada como produtora, marca (ao que tudo indica) também o início da sua carreira como realizadora. *NOT WANTED* conta a história de uma jovem ingénuua empregada de café que decide deixar tudo para seguir um músico por quem se apaixona, mas que engravida e é abandonada pelo seu “príncipe encantado”. Um dos primeiros filmes de Hollywood feito a partir de um ponto de vista feminino, ou feminista, sobre o impacto social de um drama específico do então chamado sexo fraco. A exibir em cópia digital.

► Quinta-feira [07] 19h30 | Sala Luís de Pina

### NO. 5 CHECKED OUT

de Ida Lupino  
com Teresa Wright, Peter Lorre, William Talman  
Estados Unidos, 1956 - 25 min

### THE MASKS

de Ida Lupino  
com Robert Keith, Milton Selzer, Brooke Hayward  
Estados Unidos, 1964 - 25 min

### THE SIXTEEN-MILLIMETER SHRINE

de Mitchell Leisen  
com Ida Lupino, Martin Balsam, Rod Serling  
Estados Unidos, 1959 - 25 min

### SYBILLA

de Ida Lupino  
com Barbara Bel Geddes, Alexander Scourby  
Estados Unidos, 1960 - 25 min

duração total da projeção: 100 min  
legendados eletronicamente em português | M/12

Ida Lupino dizia que fazia filmes “sobre pessoas perdidas e desorientadas”. Em 1956, quando começou a realizar para televisão (69 episódios ao longo de 20 anos, para várias séries), continuou, por vezes, a crueza e sensibilidade do seu trabalho sobre a “passividade essencial das vidas pré-fabricadas... e as forças sociais que as mantêm e exploram” (Ronnie Scheib). Em *NO. 5 CHECKED OUT* (ecoando *HIGH SIERRA*, um filme que marcou profundamente Lupino) uma jovem surda (Teresa Wright) confronta bandidos desesperados (Peter Lorre e William Tallman de *THE HITCH-HIKER*) que estão a usar uma das suas remotas cabanas na floresta como esconderijo. *THE MASKS*, da série *The Twilight Zone*, criada e escrita por Rod Serling, é talvez o telefilme mais famoso deste Ciclo, e uma escoriação de pessoas imutáveis e avarentas: durante o Carnaval de Mardi Gras, um homem moribundo coage os seus familiares a usarem máscaras grotescas que refletem as suas verdadeiras personalidades. *THE SIXTEEN-MILLIMETER SHRINE*, também um episódio de *Twilight Zone*, é realizado por Mitchell Leisen, com Lupino no papel principal de Barbara Jean Trenton, uma estrela de cinema esquecida que vive no passado, revendo repetidamente os seus filmes antigos em 16mm, e recusando-se a seguir em frente com a sua vida; um contraponto total à verdadeira Lupino, uma incansável atriz-realizadora que nunca se apaixonou pelo seu papel na era dourada do cinema. *SYBILLA*, escrito por Charlotte Armstrong e Margaret Manners, e realizado por Lupino para *Alfred Hitchcock Presents*, é uma história profunda e subversiva sobre um homem (Alexander Scourby) cujo controlo sobre a sua mulher perfeita e passiva (Barbara Bel Geddes) o vai extinguindo lentamente. Contado a partir



SYBILLA

de uma perspetiva estritamente masculina, que Lupino mostra como uma prisão, este mistério de assassinato transforma-se numa radical investigação filosófica sobre a narrativa clássica. A exibir em cópias digitais.

► Sábado [09] 17h15 | Sala M. Félix Ribeiro



### THE MAN WHO SHOT LIBERTY VALANCE

*O Homem que Matou Liberty Valance*  
de John Ford

com James Stewart, John Wayne, Lee Marvin, Vera Miles,  
Edmond O’Brien, Andy Devine, Woody Strode

Estados Unidos, 1962 - 120 min  
legendado eletronicamente em português | M/12

O verdadeiro fim do *western* clássico, numa celebração da morte do velho Oeste, personificado por Tom Doniphon (John Wayne), que jaz morto e arrefece num caixão de pinho com uma solitária flor de cato em cima. Nunca se vê o corpo, porque a lenda não o tem. Apenas surge na evocação em que Stoddard (James Stewart) recorda o triunfo da civilização na pequena cidade fronteiriça, sobre os desmandos dos quadrilheiros de Liberty Valance (Lee Marvin), assim tornando “desnecessários” os homens e os mitos como Doniphon. O fim de um género e uma das obras-primas do cinema. A apresentar em cópia digital.

► Sábado [09] 19h30 | Sala Luís de Pina

### ROOKIE OF THE YEAR

de John Ford  
com John Wayne, Vera Miles, Ward Bond  
Estados Unidos, 1955 - 29 min

### FLASHING SPIKES

de John Ford  
com James Stewart, John Wayne, Jack Warden  
Estados Unidos, 1962 - 53 min

duração total da projeção: 82 min  
legendados eletronicamente em português | M/12

Trabalhando com vários dos seus habituais colaboradores (o argumentista Frank S. Nugent, o diretor de fotografia William H. Clothier e um elenco familiar), “Ford fez dois filmes para televisão sobre as listas negras no baseball, em protesto velado contra as listas negras na política. Em *ROOKIE OF THE YEAR*, baseado numa história de W.R. Burnett, o cínico jornalista Mike (John Wayne) pensa ter descoberto uma grande história, que o libertará de dez anos no *Emeryville Post-Gazette*: o jogador revelação do ano é afinal filho de Buck Garrison (Ward Bond), um grande jogador que aceitou um suborno. Mas Mike suspende a história, por respeito para com Buck, e aceita fazer uma digressão pelo Oriente. Um ritmo rápido, carregado de invenção, diálogos fantásticos e grandes caricaturas” (Tag Gallagher). *FLASHING SPIKES*, realizado sete anos mais tarde, começa com uma audiência em tribunal: o colonista Short (Carlton Young) acusa o prodígio Riley (Pat Wayne) de aceitar um suborno do veterano jogador de baseball Slim (James Stewart), na lista negra, para perder intencionalmente um jogo decisivo. Em *flashback*, Slim relata jogos passados onde, através de muitos pequenos eventos e uma miríade de participações especiais, a verdade emerge. Com esse *flashback* enquadrado por “um daqueles tribunais onde o realizador americano mostra a ruindade dos poderosos e a solidão dos justos” (Cristina Fernandes), *FLASHING SPIKES* assemelha-se a *JUDGE PRIEST, YOUNG MR. LINCOLN* ou *SERGEANT RUTLEDGE*. “Stewart, nunca foi tão maravilhoso. Um Ford de primeira classe” (Tag Gallagher). Ambos os telefilmes podem ler-se como ensaios abertos sobre a moral que Ford veio a trabalhar em *THE MAN WHO SHOT LIBERTY VALANCE*: “Quando a lenda se torna facto, imprima-se a lenda.” A exibir em cópias digitais.



BREAKDOWN



THE FEARMAKERS

► Segunda-feira [11] 19h30 | Sala Luís de Pina

### FRIGHTENED DOLL

de Jacques Tourneur  
com Barbara Stanwyck, Harold J. Stone, Wallace Ford  
Estados Unidos, 1961 - 30 min

### SIGN OF THE ZODIAC

de Jacques Tourneur  
com Barbara Stanwyck, Dan Duryea, Joan Blondell  
Estados Unidos, 1961 - 30 min

### ADVENTURE ON HAPPINESS STREET

de Jacques Tourneur  
com Barbara Stanwyck, Lew Ayers, Robert Culp  
Estados Unidos, 1961 - 30 min

duração total da projeção: 90 min

legendados eletronicamente em português | M/12

*The Barbara Stanwyck Show* estreou na NBC em 1960, seguindo o modelo de sucesso de outras séries apresentadas por estrelas de Hollywood (*The Loretta Young Show*, *Jane Wyman Presents*). Durou apenas uma temporada, com 37 episódios, tendo Tourneur realizado 11. Os três episódios desta sessão foram escritos por A.I. Bezzerides (THIEVES HIGHWAY, THEY DRIVE BY NIGHT, ON DANGEROUS GROUND, KISS ME DEADLY), mais conhecido pelas suas fábulas duras e políticas, e menos como um prolífico argumentista de televisão (112 episódios só para a série *The Big Valley*, também protagonizada por Stanwyck). FRIGHTENED DOLL é um notável e delicado jogo entre *suspense* e sentimento, em que duas pessoas no seu trajeto para nenhures - um *gangster* moribundo (Harold J. Stone) e uma prostituta de bares (Stanwyck) que sonha em regressar à sua cidade natal para exibir o seu *glamour* - encontram a redenção num encontro casual. "Os filmes de Tourneur são sempre *ballets*" escreveu Tag Gallagher, e aplica-se a este terno filme *noir* que ecoa OUT OF THE PAST e NIGHTFALL. Em SIGN OF THE ZODIAC, com fotografia de Hal Mohr, Stanwyck interpreta uma mulher mentalmente frágil que acredita ter causado a morte do marido e cuja amiga (Joan Blondell) a leva a consultar um médium (Dan Duryea). A natureza condenada e espectral de ADVENTURE ON HAPPINESS STREET constitui uma das obras mais desesperadas de Tourneur, uma parábola da Guerra Fria de enorme realismo. Stanwyck interpreta Josephine Little, uma comerciante americana em Macau com ligações ao mercado negro que, com o seu amigo jogador (Robert Culp), tenta ajudar um médico idealista, mas cansado (Lew Ayers) que gere uma clínica médica gratuita com poucos recursos face à quantidade de refugiados idosos que recebe. O triângulo dos expatriados americanos que lutam para representar a esperança contrasta com o seco realismo documental dos rostos de Macau. Estes episódios "não serão, talvez, filmes completamente realizados, mas sim fantasmas de filmes", escreveu Chris Fujiwara. A televisão nem sempre foi um meio juvenil; é comovente encontrar Tourneur, Bezzerides e todo o elenco, já envelhecidos nesta altura, a trabalhar tão arduamente para contar estas histórias sobre idosos.

► Segunda-feira [11] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### THE FEARMAKERS

*Os Fabricantes do Medo*

de Jacques Tourneur  
com Dana Andrews, Marilee Earle, Dick Foran,  
Mel Tormé, Kelly Thordsen

Estados Unidos, 1958 - 84 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Um filme típico da Guerra Fria, mas a que Tourneur empresta uma curiosa ambiguidade. Dana Andrews é um veterano da guerra da Coreia que regressa aos EUA e se vê envolvido com um misterioso instituto de sondagens. Os resultados obtidos na opinião pública são manipulados a fim de espalhar a angústia e o medo entre a população.



INCIDENT AT A CORNER

► Terça-feira [12] 19h30 | Sala Luís de Pina

### INCIDENT AT A CORNER

de Alfred Hitchcock  
com Paul Hartman, Vera Miles, George Peppard  
Estados Unidos, 1960 - 50 min

### I SAW THE WHOLE THING

de Alfred Hitchcock  
com John Forsythe, Kent Smith, Philip Ober  
Estados Unidos, 1962 - 50 min

duração total da projeção: 100 min

legendados eletronicamente em português | M/12

Após a conclusão de PSYCHO (realizado com a sua habitual equipa televisiva), Hitchcock dirigiu mais quatro filmes para televisão, o primeiro dos quais INCIDENT AT A CORNER, realizado para a série *Ford Startime*. O segundo episódio de uma hora que Hitchcock realizou, e o único a cores, foi adaptado por Charlotte Armstrong da sua própria novela. Quando um guarda da escola (Paul Hartman) é despedido no seu 68º aniversário devido a uma nota anónima que o descreve como pedófilo, a sua neta (Vera Miles) e o seu noivo Patrick (George Peppard) decidem provar a sua inocência. Utilizando experiências técnicas inovadoras, Hitchcock elabora esta história sobre os efeitos devastadores dos mexericos numa pequena cidade, a dor e a tensão resultantes de uma falsa acusação. "A suposta capacidade da ideologia americana para aceder a uma 'verdade' neutra parece ter sido uma das principais preocupações da televisão norte-americana durante este período" (Brad Stevens). I SAW THE WHOLE THING, o último trabalho televisivo de Hitchcock, foi realizado durante a montagem de THE BIRDS. Michael Barnes (John Forsythe) é um escritor de livros policiais acusado de causar um acidente de viação fatal. Porém, cada testemunha ocular prova não ser fiável quando os seus depoimentos são desmentidos por Barnes, que atua como o seu próprio advogado de defesa. Ele é ilibado depois de mostrar que cada testemunha viu o que queria ver. Entrevistado por François Truffaut, poucas semanas depois das filmagens, Hitchcock disse: "O que fiz foi usar cinco planos de pessoas que testemunharam o incidente antes de mostrar o acidente em si... Há momentos em que é preciso parar o tempo, esticá-lo." A exibir em cópias digitais.

► Terça-feira [12] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sábado [30] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### PSYCHO

*Psico*

de Alfred Hitchcock  
com Anthony Perkins, Janet Leigh, Vera Miles,  
John Gavin, Martin Balsam

Estados Unidos, 1960 - 109 min / legendado em português | M/12

Um dos filmes mais célebres de toda a obra de Hitchcock, "talvez o meu filme mais impressionante", na opinião do mestre. PSYCHO foi filmado a preto e branco devido à abundância de sangue na cena do homicídio no duche, que talvez seja o nu feminino mais célebre da História do cinema, em que uma mulher, objeto de desejo e tentação, é assassinada por ser mulher e por estar nua. Setenta posições de câmara em quarenta e cinco segundos de cinema, em que Hitchcock domina e manipula o espectador como nunca. No desenlace são dadas explicações "racionalistas" e um tanto postiças sobre o que se passou, explicações que Hitchcock deixaria de lado



I SAW THE WHOLE THING

por completo no seu filme seguinte, OS PÁSSAROS, em que nunca é dada nenhuma explicação para a catástrofe que acontece. A apresentar em cópia digital.

► Quarta-feira [13] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quarta-feira [27] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### BANG! YOU'RE DEAD

de Alfred Hitchcock  
com Stephen Dunne, Biff Elliot, Juanita Moore  
Estados Unidos, 1961 - 30 min

### THE TROUBLE WITH HARRY

*O Terceiro Tiro*

de Alfred Hitchcock  
com Edmund Gwenn, Shirley MacLaine, John Forsythe,  
Mildred Natwick, Mildred Dunnock, Royal Dano

Estados Unidos, 1955 - 99 min

duração total da projeção: 129 min

legendados eletronicamente em português | M/12

O único episódio de *Alfred Hitchcock Presents* em que a introdução falada de Hitchcock não diminui o terror: "trata-se de um assunto muito sério e eu estaria a prestar um mau serviço se vos levasse a encará-lo com ligeireza." Em BANG! YOU'RE DEAD, Jackie é um rapaz de cinco anos obcecado por armas. Quando o seu tio Rick regressa de África, Jackie encontra uma arma verdadeira e munições na mala do homem. Acreditando tratar-se de um brinquedo, Jackie carrega a arma e sai para brincar. Enquanto os pais e o tio o procuram no supermercado local, Jackie regressa a casa e ameaça matar a empregada negra da família. Embora Hitchcock conclua com um apelo ao "controlo das armas", o próprio telefilme vai mais longe, e com uma ressonância contemporânea aterradora, ligando esta criança errante a acidentes, acidental ou não, ao imaginário ocidental, à raça, ao assassinio e ao imperialismo. THE TROUBLE WITH HARRY é um Hitchcock diferente... o reverso dos outros filmes de Hitchcock: ao mundo da culpa contrapõe-se o mundo onde ela não existe. Porque é que esse universo nos faz rir tanto? Talvez convenha, depois de rirmos, pensar nesta pergunta. Talvez Harry seja muito mais perturbante do que alguma vez pensámos. Talvez THE TROUBLE WITH HARRY seja não só o mais inquietante mas também o mais amoral dos filmes de Hitchcock. A apresentar em cópias digitais.

► Quarta-feira [13] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### BREAKDOWN

de Alfred Hitchcock  
com Joseph Cotten, Raymond Bailey, Forrest Stanley  
Estados Unidos, 1955 - 30 min

### REVENGE

de Alfred Hitchcock  
com Vera Miles, Ralph Meeker, Frances Bavier  
Estados Unidos, 1955 - 30 min

### FOUR O'CLOCK

de Alfred Hitchcock  
com E.G. Marshall, Nancy Kelly,  
Tom Pittman, Harry Dean Stanton

Estados Unidos, 1957 - 30 min

duração total da projeção: 90 min

legendados eletronicamente em português | M/12

As subversivas introduções de Hitchcock em *Alfred Hitchcock Presents* ficaram conhecidas pela provocação aos patrocinadores e pelo tom macabro e seco. Realizando ocasionalmente para esta série, Hitchcock terá reservado para ela alguns dos seus exercícios mais extremos de *suspense*, abeirando-se do sadomasoquismo em formato pequeno ecrã doméstico. Estes são apenas três exemplos, todos escritos por Francis Cockrell, e filmados

por John L. Russell (diretor de fotografia de *PSYCHO*). Em *BREAKDOWN*, o carro do insensível empresário William Callew (Joseph Cotten) é esmagado por um *bulldozer*, operado por um bando de condenados. O acidente paralisa-o completamente, pelo que fica deitado nos destroços, impotente. Finalmente, os socorristas chegam, consideram-no morto e levam-no para a morgue. Entretanto, a mente de Callew está plenamente ativa, os seus pensamentos expressos em narração, e a sua paralisia representada por fotografias congeladas (sete anos antes de *LA JETÉE* de Marker), contrapostas à vida que o rodeia. Uma das ideias mais perturbadoras de Hitchcock. *REVENGE* (co-escrito por A.I. Bezzerides) foi filmado alguns dias depois de *BREAKDOWN*, mas fora transmitido primeiro, servindo de episódio introdutório para *Alfred Hitchcock Presents*: Carl (Ralph Meeker) e a sua mulher Elsa (Vera Miles, que viria a aparecer em *THE WRONG MAN* e *PSYCHO*) acabaram de se mudar para um parque de caravanas à beira-mar. Quando Carl sai para o trabalho, Elsa é violada por um estranho. Mais tarde, Elsa diz ter visto o seu agressor na rua, e Carl vingá-se. *FOUR O'CLOCK* foi o último filme para televisão que Hitchcock realizou antes de iniciar a produção de *VERTIGO*, e o primeiro e único episódio que fez para a série derivada *Suspicion*, um formato de uma hora. Adaptado de uma história de Cornell Woolrich (autor de *REAR WINDOW*), segue um relojoeiro (E.G. Marshall) que está convencido de que a sua mulher, Fran (Nancy Kelly), está a ter um caso. Paul, consumido pelo ciúme, planeia matar Fran, fazendo explodir uma bomba em sua casa às quatro horas, a hora a que os amantes se encontram. Mas depois de ativar o dispositivo, é atacado por assaltantes (Harry Dean Stanton, Tom Pittman) que o amarram na cave. Paul não pode fazer nada para evitar a explosão. Se sobreviver, a experiência vai levá-lo à loucura.

► Quinta-feira [14] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sexta-feira [29] 19h30 | Sala Luís de Pina

### NIGHT CALL

de Jacques Tourneur

com Gladys Cooper, Martine Bartlett, Nora Marlowe

Estados Unidos, 1964 - 25 min

### THE LEOPARD MAN

*O Homem Leopardo*

de Jacques Tourneur

com Dennis O'Keefe, Margo, Jean Brooks, James Bell

Estados Unidos, 1943 - 65 min

*duração total da projeção: 90 min*

legendados eletronicamente em português | M/12

*NIGHT CALL* foi filmado para a antológica série televisiva *The Twilight Zone*, e fora livremente baseado num conto de Richard Matheson (*Long Distance Call*, 1961). Telepatia, telefone, televisão, e sinais de necromancia: este episódio de Tourneur tem, em pleno fulgor, a sua inquietante sensibilidade com material sobrenatural. Uma senhora idosa (Gladys Cooper) não reconhece a voz rouca e sussurrante, do outro lado do telefone, que a chama incessantemente, enquanto ela está doente e deitada na cama. Só após uma terrível tempestade é que lhe encontra uma lógica obscura. Sobre o sucesso de *NIGHT CALL*, Tourneur disse: "É muito estranho - recebi telefonemas momentos antes do fim da transmissão do programa até à meia-noite. As mulheres diziam-me: 'Tenho medo de ir para a cama, tenho medo de atender o telefone'. Até a minha própria mulher tinha medo. Portanto, o objetivo que eu procurava tinha sido alcançado". O regresso real, ou simbólico, dos mortos ocorre em toda a obra do realizador. Um dos grandes filmes "por telefone", ao lado de *LA VOIX HUMAINE* (de Rossellini, com Magnani, a partir de Cocteau) ou, possivelmente, da versão de 1945 de *SORRY, WRONG NUMBER*, primeiro trabalho para televisão de Nicholas Ray, feito em direto e atualmente perdido. *THE LEOPARD MAN* é um pioneiro de um género: o dos *serial-killers* psicopatas. Só que um filme destes, feito por Tourneur, em nada se compara com os que vieram depois. Como nos outros filmes feitos para Val Lewton, tudo se coloca sob o signo da sugestão, das sombras e do medo, sem necessidade de exposição, sem que veja o monstro nem os seus crimes. O pano de fundo é uma pequena cidade do México onde decorre uma série de horríveis mortes que, devido às características das feridas, são atribuídas a um leopardo. "Com este desfilar de medos e de culpas alinham as simetrias e as rimas narrativas e visuais. Se

o filme procede por interrupções - os aparentes desvios para as histórias paralelas de cada uma das vítimas -, a sua consistência é bastante mais funda. E como se disse, bastante subterrânea. Como o medo e como a culpa" (Maria João Madeira). *NIGHT CALL* é exibido em cópia digital.

► Sexta-feira [15] 16h00 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sábado [30] 19h30 | Sala Luís de Pina

### THE BRUSH ROPER

de Stuart Heisler

com Walter Brennan, Chuck Connors,

Lee Aaker, Olive Carey

Estados Unidos, 1955 - 25 min

### CHAIN LIGHTNING

de Stuart Heisler

com Humphrey Bogart, Eleanor Parker, Raymond Massey

Estados Unidos, 1950 - 94 min

*duração total da projeção: 119 min*

legendados eletronicamente em português | M/12

Stuart Heisler é caso para uma investigação mais aprofundada: o seu trabalho como realizador de cinema é bastante negligenciado, sendo que os 66 episódios que dirigiu para televisão estão totalmente por avaliar. De modo a contrariar essa omissão mostramos, modestamente, uma das realizações televisivas de Heisler, uma das melhores entradas da série *Screen Directors Playhouse*. *THE BRUSH ROPER* é protagonizado por um hilariante Walter Brennan no papel de um eloquente agricultor que regala o seu neto com histórias sobre as suas habilidades de *cowboy*. Quando um touro de *rodeo* aparece solto nas suas terras, o avô tenta provar que as suas histórias são verdadeiras e laça-o, com o jovem a virar-se ocasionalmente para a câmara e a comentar a ação. Repleto de diálogos coloquiais e maravilhosamente densos (escritos por William Tunberg e Fred Gipson, argumentistas de *OLD YELLER*), é uma produção robusta com elaborados movimentos de câmara do diretor de fotografia Eddie Fitzgerald (*ROPE*, *LASSIE*). O impulso desta obra televisiva ligeira contém, também, um tema do Heisler mais denso: até que ponto podem os filmes "clássicos" acompanhar a experimental e irresponsável aventura de um herói? Tal como Jacques Lourcelles escreveu a propósito de *TULSA* de Heisler, tem uma "energia especial à beira de se tornar destrutiva, aniquilando o que primeiro esperava construir". Em *CHAIN LIGHTNING*, um ex-piloto bombardeiro na Segunda Guerra Mundial (interpretado por Humphrey Bogart), aceita o cargo de piloto de testes numa empresa de aeronaves, que prepara um avião comercial que poderá atingir altas velocidades. O que não espera é o encontro com a ex-namorada, agora, rececionista na mesma empresa, que lhe despertará sentimentos antigos. Apesar da presença de Bogart, é um filme também pouco visto de Heisler sobre o perigo e a coragem, e as formas como o amor se pode imiscuir entre eles. Primeiras apresentações na Cinemateca. A exibir em cópias digitais.

► Terça-feira [19] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sábado [23] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### MY SON JOHN

*Perseguem o Meu Filho*

de Leo McCarey

com Helen Hayes, Robert Walker, Van Heflin, Dean Jagger

Estados Unidos, 1952 - 122 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Uma relíquia dos tempos mais virulentos da propaganda anti-comunista, realizado no auge da Guerra Fria. Um casal de americanos de meia-idade vive um terrível pesadelo: será que o filho deles é comunista? Filmado como um melodrama, o filme foi reinterpretado por alguns em tempos recentes como um drama edipiano, mas a propaganda maccarthysta continua, para outros, a ser mais visível. Robert Walker morreu antes do fim da rodagem e McCarey substituiu-o por um figurante filmado de costas, em algumas cenas, inserindo trechos de *STRANGERS ON A TRAIN*, de Hitchcock, noutras. No desenlace, enquanto ouvimos um discurso anti-comunista de John, vemos um aparelho de rádio cercado por um halo! McCarey tão ou mais paradigmático do que em *GOING MY WAY* (*O BOM PASTOR*) e *THE BELLS OF ST. MARY'S* (*OS SINOS DE SANTA MARIA*). A exibir em cópia digital.

► Terça-feira [19] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### TOM AND JERRY

de Leo McCarey

com Peter Lawford, Nancy Gates, Frank Fay, Marie Windsor

Estados Unidos, 1955 - 30 min

### MEET THE GOVERNOR

de Leo McCarey

com Barbara Hale, Herb Shriner, Paul Harvey

Estados Unidos, 1955 - 30 min

*duração total da projeção: 60 min*

legendados eletronicamente em português | M/12

Há grandes intervalos na filmografia de McCarey do pós-Guerra ("McCarey espera no seu escritório por ordens que não chegam," imaginou o crítico Jean-Claude Biette), mas os dois episódios que dirigiu para a *Screen Directors Playhouse* preenchem alegremente o espaço entre *MY SON JOHN* e *AN AFFAIR TO REMEMBER*. Ambos, os únicos trabalhos de McCarey para a televisão, são "comédias de recasamento". Em *TOM AND JERRY*, escrito pela filha de McCarey, Mary McCarey, um padre (Frank Fay) tenta salvar um casamento problemático (Peter Lawford, Nancy Gates) e o seu filho (Charles Herbert) mesmo a tempo do Natal. Em *MEET THE GOVERNOR*, escrito pelo próprio McCarey, um advogado do interior (Herb Shriner) é forçado a candidatar-se a Governador. Numa tentativa de o difamar, os seus principais opositores encontram a sua esposa (Barbara Hale) de um casamento que ele



CHAIN LIGHTNING

pensava ter anulado legalmente – o reencontro entre os dois é uma bênção disfarçada. Em termos do estilo e dos temas de McCarey, está tudo lá: o humor e os ritmos em lugares inesperados, a liberdade das atuações, as surpresas constantes na *mise-en-scène*, o prazer dos planos individuais de cães e crianças, o sofá como fórum, divisória e proscênio entre amor, discórdia e resolução, o padre flexível, os fundamentos musicais, as bebidas, Abraham Lincoln e os milagres diários. Tudo isto “dá origem a um crescendo que é primeiro impercetível e, no final, irresistível” (Jacques Lourcelles). Uma das imagens mais límpidas de McCarey: uma criança reza enquanto sobe as escadas a correr.

- ▶ Quarta-feira [20] 15h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Quinta-feira [28] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro



### SUSAN SLEPT HERE

As Três Noites de Susana

de Frank Tashlin

com Dick Powell, Debbie Reynolds, Anne Francis

Estados Unidos, 1954 – 98 min

legendado eletronicamente em português / M/12

Um guionista de Hollywood sem dinheiro aceita cuidar de uma problemática adolescente no dia de Natal, com o intuito de recolher informações para um novo projeto. O que não espera é os ciúmes que esta provocará na sua atual namorada. Um Tashlin menos visto, filmado em Technicolor, com a curiosa particularidade de toda a trama ser narrada pela estatueta de um Oscar. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

- ▶ Quarta-feira [20] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### THE FACE IS FAMILIAR

de Frank Tashlin

com Jack Benny, Jesse White, Otto Kruger, Joi Lansing

Estados Unidos, 1954 – 30 min

legendados eletronicamente em português

### THE HONEST MAN

de Frank Tashlin

com Jack Benny, Zsa Zsa Gabor, Charles Bronson

Estados Unidos, 1956 – 30 min

duração total da projeção: 60 min

legendados eletronicamente em português / M/12

Tashlin realizou estas duas comédias para o *General Electric Theater*, série (1953–1962) patrocinada pela empresa de eletricidade e apresentada por Ronald Reagan. Normalmente compostas por uma mistura de segmentos ao vivo e pré-filmados, parece que Tashlin, com todos os seus *gags* visuais e sonoros (os sapatos baratos de Charles Bronson a ranger), prefigurava as suas caricaturas esquerdistas do *homo americanus*. THE FACE IS FAMILIAR é uma parábola sobre o anonimato e a indiferença da sociedade em relação ao homem, que, no entanto, se vai desenhando através de todos os seus mecanismos grosseiros: Tom Jones (Jack Benny) tem um rosto de que ninguém se lembra – nem no restaurante onde trabalha, nem na barbearia, nem no cinema, nem no exército, nem no banco. “Um tanso nato!” exclama um *gangster* que pretende usar o rosto esquecível de Tom para roubar “o negócio bancário” (“Oh, money! I hear there’s a lot of money in money”). Em THE HONEST MAN, o casamento de Sheldon Weeks (novamente Jack Benny), um afinador de pianos conhecido pela sua honestidade, foi adiado devido aos custos da fiança de prisão do seu futuro cunhado (Charles Bronson). Ele vê-se envolvido com *gangsters* quando joias roubadas são escondidas no seu saco de ferramentas. A honestidade de Sheldon é posta à prova, ele tem de suportar bandidos, pernas de outras mulheres (um dos principais temas de Tashlin), os duplos e tripos sentidos de uma mulher da sociedade (Zsa Zsa Gabor, que refere amplamente as suas verdadeiras raízes húngaras) e dançarinas burlescas. Abundam as piadas sobre seios e objetos fálicos vibrantes, terminando finalmente no paradisíaco Havai, em lua-de-mel.



THE JAZZ SINGER

- ▶ Quinta-feira [21] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [29] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### HARDLY WORKING

Vai Trabalhar Malandro

de Jerry Lewis

com Jerry Lewis, Susan Oliver, Deanna Lund

Estados Unidos, 1980 – 91 min

legendado eletronicamente em português / M/12

O filme do regresso de Jerry Lewis à realização, depois da crise criativa em que o caso de THE DAY THE CLOWN CRIED o lançou. É mais um filme centrado numa tipicamente jerrylewisiana personagem de “falhado desastrado”, neste caso um ex-palhaço que avança de novo emprego em novo emprego, sempre com resultados catastróficos. A rodagem foi feita aos soluços, com grandes intervalos provocados por falta de dinheiro – Jerry entrou em falência a meio da produção. E se a crítica americana, para variar, arrasou o filme, HARDLY WORKING foi um razoável sucesso de bilheteira, o que encorajou o autor a avançar para SMORGASBORD, que viria a ser a sua derradeira obra como realizador.

- ▶ Quinta-feira [21] 19h30 | Sala Luís de Pina

### THE JAZZ SINGER

de Ralph Nelson

com Jerry Lewis, Anna Maria Alberghetti, Eduard Franz

EUA, 1959 – 53 min / legendado eletronicamente em português / M/12

Enquanto *entertainer*, Jerry Lewis foi um dos seres humanos mais televisionados da História: numerosos programas de variedades cómico-musicais (por exemplo, *The Colgate Comedy Hour* com Dean Martin), inúmeras aparições em *talk-shows* como convidado e apresentador, ou a sua própria maratona televisiva anual (um programa de 24 horas para angariar fundos para a cura da distrofia muscular) que durou 45 anos. Enquanto realizador de televisão, fez apenas seis episódios de séries já existentes, todas elas afastadas da comédia, todas elas dramas notavelmente angustiados, todas elas, atualmente, num limbo arquivístico e, portanto, impossibilitadas de serem exibidas neste Ciclo. A autoria desta versão de 1959 de THE JAZZ SINGER é um caso complexo, adequado ao tema: tecnicamente dirigida por Ralph Nelson, permaneceu um empreendimento extremamente pessoal supervisionado por Lewis, com um carimbo “Jerry Lewis Enterprises Production” e vários de um dos seus companheiros de ecrã (Del Moore). Baseado na peça de Samson Raphaelson de 1925 (famosamente adaptada para um dos primeiros *talkies* com Al Jolson em 1927; uma entrada importante nas mitologias americanas do espetáculo, do cinema, da

identidade), a história é sobre um jovem cantor judeu que abandona a vida religiosa tradicional do seu pai para se tornar um *entertainer*. O cenário não é o da Broadway dos anos 20, ou dos espetáculos de trovadores, mas dos clubes noturnos da década de 50. Durante a sua vida, Lewis apenas ocasionalmente permitiu a projeção de THE JAZZ SINGER. Assim, partilha o estatuto atormentado do seu outro filme negligenciado acerca da identidade judaica e o “ser palhaço”, THE DAY THE CLOWN CRIED. Primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Sexta-feira [22] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [29] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### VERBOTEN!

de Samuel Fuller

com James Best, Susan Cummings, Tom Pittman

Estados Unidos, 1959 – 79 min / legendado em português / M/12

Um filme raramente visto de Fuller, situado na Alemanha logo a seguir ao fim da Segunda Guerra Mundial e que dessacraliza alguns mitos ligados a este período. Uma história de amor entre um soldado americano e uma alemã (o que era proibido, como indica o título) cruza-se com o tema da impaciência da população local em relação aos ocupantes e ao mercado negro. A situação complica-se com as intrigas de um grupo de militantes neo-nazis. Um *thriller* realizado com a violenta eficácia que caracteriza o cinema de Fuller. A exibir em cópia digital.

- ▶ Sexta-feira [22] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### DOGFACE

de Samuel Fuller

com Luke Anthony, Neyle Morrow, Gerald Milton

Estados Unidos, 1959 – 28 min

### THE DAY OF RECKONING

de Samuel Fuller

com Anthony Perkins, Cris Campion, Philippe Léotard, Assumpta Serna

França, 1990 – 53 min

duração total da projeção: 81 min  
legendados eletronicamente em português / M/12

Fuller realizou 11 episódios de televisão entre 1959 e 1990. No recentemente redescoberto DOGFACE, escrito, realizado e produzido independentemente por Fuller como piloto para a rede CBS, soldados de infantaria americanos (“dogfaces”), numa missão de combate no Norte de África em 1943, são seguidos por um pastor alemão nazi e por tropas da Wehrmacht disfarçadas de árabes. Esta é uma obra plenamente fullermana: a necessidade irrequieta de representar a sua versão da

Segunda Guerra Mundial, os duelos de diálogos acesos, os grandes planos carregados com o pó e o suor dos bombardeamentos, o uso de animais alegorizando a inocência e o condicionamento, as minúcias de como as guerras são travadas e justificadas pelos homens que as vivem. DOGFACE foi rejeitado pela CBS. Fuller preferia o cinema: “O que descobri com a minha incursão na televisão foi o quanto gostava de fazer filmes. Estava habituado a ver as minhas personagens num grande ecrã.” THE DAY OF RECKONING, da série *Chillers* apresentada por Anthony Perkins e baseada em contos de Patricia Highsmith, foi realizada durante o autoexílio de Fuller em França: John (Cris Champion) visita a quinta industrial de frangos do seu tio (Philippe Léotard). John e a mulher do tio (Assumpta Serna) ficam horrorizados com a quantidade de galinhas em gaiolas, sem bico para evitar que se matassem umas às outras (“As nossas galinhas enlouqueceram”). Embora Fuller incluía uma história de incesto e outros excessos, o telefilme é sobretudo uma poderosa condenação da pecuária industrial. Estas foram as últimas imagens filmadas por Fuller, em forte ressonância com as suas primeiras: a libertação dos campos de extermínio nazis de Falkenau, filmada com uma câmara *Bell & Howell* de 16 mm que lhe fora enviada pela sua mãe.

► Sábado [23] 19h30 | Sala Luís de Pina

### THE BASQUE COUNTRY

de Orson Welles  
com Chris Wertenbaker, Lael Wertenbaker, Beñat Toyos  
Reino Unido, 1955 - 26 min

### THE QUEEN'S PENSIONERS

de Orson Welles  
com Chris Wertenbaker, Lael Wertenbaker, Beñat Toyos  
Reino Unido, 1955 - 26 min

### THE FOUNTAIN OF YOUTH

de Orson Welles  
com Chris Wertenbaker, Lael Wertenbaker, Beñat Toyos  
Estados Unidos, 1958 - 27 min

*duração total da projeção: 79 min*  
legendados eletronicamente em português | M/12

*Around the World with Orson Welles* é uma série televisiva vergonhosamente negligenciada, dirigida por Welles, de seis episódios de meia hora, realizada na mesma altura que MR. ARKADIN para o mesmo produtor francês, Louis Dolivet, com uma notável variedade de tópicos. Embora variantes deste estilo de registo de viagem apareçam mais tarde na obra de Welles, este é, em muitos aspetos, o mais desenvolvido dos seus ensaios cinematográficos antes de F FOR FAKE e FILMING OHELLO. A série nunca foi vendida à televisão americana, e há muitas razões para suspeitar que as razões deste fracasso tenham sido ideológicas: tanto implícita como explicitamente, a crítica da sociedade americana contida nas celebrações da vida no País Basco, Paris, Londres, Viena e Espanha é bastante óbvia” (Jonathan Rosenbaum). THE FOUNTAIN OF YOUTH, o primeiro piloto televisivo de Welles, é um ensaio sobre o narcisismo adaptado do conto de John Collier, *Youth in Vienna*. “Pretendia inaugurar uma série de histórias curtas que Welles narraria e realizaria na primeira pessoa, ao estilo das suas séries radiofónicas *Mercury Theatre on the Air* e *Campbell Playhouse*”, mas com as suas técnicas radiofónicas inovadoras adaptadas à intimidade visual do novo meio”, escreveu Joseph McBride. “Welles descreveu-o como o seu único filme ‘concebido para a caixa’.” O produtor Desi Arnaz liderou a série, querendo que Welles fosse o anfitrião de todos os episódios: “Utilizámos imagens fixas e *hold frames*, e muitas das coisas que hoje em dia são consideradas tão novas... Era quase uma técnica de banda desenhada e nunca tinha sido utilizada na televisão.” Grandes qualidades, tanto de conversa amistosa como de extrema ilusão formal, estão presentes nestes programas, todos girando em torno da figura e da oratória de Welles, todos entoando “I remain, as always, obediently yours”. A exibir em cópias digitais.

► Sábado [23] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### ‘FALSTAFF’ ON “THE DEAN MARTIN SHOW”

de Orson Welles  
com Jeanne Moreau, John Gielgud, Keith Baxter  
Estados Unidos, 1968 - 7 min (excerto)

### CHIMES AT MIDNIGHT / CAMPANADAS A MEDIA NOCHE

*As Badaladas da Meia Noite*

de Orson Welles  
com Orson Welles, Jeanne Moreau, Margaret Rutherford, John Gielgud, Marina Vlady

Espanha, Suíça, 1966 - 115 min  
*duração total da projeção: 122 min*  
legendados eletronicamente em português | M/12

Welles era um convidado regular do *The Dean Martin Show* no final dos anos 60, fazendo leituras e números de magia. Enquanto se maquilha, incluindo um nariz falso e bochechas rosadas, Welles fala da “velha Inglaterra alegre das manhãs de maio e das vésperas de verão, quando até a vilania era inocente” e de Sir John Falstaff, “antepassado de todas as *flower children*”, numa reencenação de cenas da peça sobre a qual realizara CHIMES AT MIDNIGHT dois anos antes. Neste filme debruça-se sobre essa personagem de Sir John Falstaff, companheiro de folia da juventude de Henrique IV, naquela que é a terceira adaptação de Shakespeare por Orson Welles, e um dos filmes que melhor capta o espírito da obra do grande dramaturgo. Trata-se de uma história de amizade traída em nome dos interesses do Estado, com uma das maiores cenas de batalha jamais filmadas, onde a fúria dá lugar ao cansaço e o sangue se mistura com a lama.

► Terça-feira [26] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### THE UNTOUCHABLES, PART I & II

de Phil Karlson  
com Robert Stack, Barbara Nichols, Neville Brand  
Estados Unidos, 1959 - 103 min  
legendado eletronicamente em português | M/12

Karlson é conhecido pelas suas narrativas criminais, desde os anos 50 até WALKING TALL (1973), e pelos filmes sobre homens vítimas das circunstâncias (99 RIVER STREET, KANSAS CITY CONFIDENTIAL). As suas comédias anteriores (A WAVE, A WAC, AND A MARINE), *westerns* (THUNDERHOOF), *serials* (THE MISSING LADY) e filmes rurais (THE BIG CAT) merecem bem a redescoberta. De 1953 a 1959, Karlson realizou 21 episódios de televisão, sendo THE UNTOUCHABLES o seu último trabalho televisivo antes de regressar plenamente ao cinema, realizando filmes que caracterizaram os anos 60 e 70 (surfistas, *peplum*, *spoofs* de espíões, xerifes de província). Uma obra-prima explosiva de um homem contra um bando, com um grandioso elenco, THE UNTOUCHABLES foi o piloto de uma série televisiva que continuou a ser formidavelmente dirigida e representada por outros (Ida Lupino/Lee Marvin, Tay Garnett/Martin Landau). Durante a Lei Seca, no início dos anos 30 em Chicago, o jovem agente federal Elliot Ness (Robert Stack) reúne uma equipa incorruptível para desmantelar o império criminoso de Al Capone. O rigor e o dinamismo de THE UNTOUCHABLES são o resultado direto do trabalho de Karlson nos anos 40 para a Monogram Pictures (realizara aí filmes *noir* como SHANGHAI COBRA, BEHIND THE MASK, THE MISSING LADY), onde os mesmos cenários eram reutilizados com uma despojada inventividade. Em THE APARTMENT, Billy Wilder troça de uma empregada que quer chegar a casa a tempo de ver THE UNTOUCHABLES: “Let’s see what we’ve been missing.” A exibir em cópia digital.

► Terça-feira [26] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### 99 RIVER STREET

*O Crime da Rua 99*  
de Phil Karlson  
com John Payne, Evelyn Keyes, Brad Dexter, Frank Faylen  
Estados Unidos, 1953 - 83 min  
legendado eletronicamente em português | M/12

Um notável e cáustico policial, com laivos sadomasoquistas, assinado por um dos melhores realizadores de série B da Hollywood do pós-Guerra, Phil Karlson. John Payne, ex-cantor convertido ao cinema de ação, interpreta um ex-pugilista, agora motorista de táxi, que dá por si suspeito de ter morto a mulher que o atraíu oava com um *gangster*. Tudo se passa em contrarrelógio durante uma intensa noite citadina, de brutalidade inaudita.

► Quinta-feira [28] 19h30 | Sala Luís de Pina

### DUEL OF HONOR

de Joseph H. Lewis  
com Chuck Connors, Johnny Crawford, Jack Elam  
Estados Unidos, 1958 - 30 min

### THE DESERTER

de Joseph H. Lewis  
com Chuck Connors, Johnny Crawford, Harry Carey Jr.  
Estados Unidos, 1960 - 30 min

### PANIC

de Joseph H. Lewis  
com Chuck Connors, Johnny Crawford, Hope Summers  
Estados Unidos, 1959 - 30 min

*duração total da projeção: 90 min*  
legendados eletronicamente em português | M/12

“Joseph H. Lewis. Esse é que é um mestre. Puro conflito. Os críticos americanos mais básicos chamar-lhe-iam enredo, mas, para mim, é conflito, quero dizer conflito em todos os sentidos - formal, narrativo, económico, psicológico” (Pedro Costa). Prolífico cineasta conhecido por GUN CRAZY, Lewis, um perfeccionista que já tinha sofrido um ataque cardíaco, decidiu em 1959, aos 52 anos, realizar exclusivamente para televisão, depois de negociar um contrato que lhe permitia trabalhar uma semana por mês, com liberdade de escolha de guiões. Realizou 79 episódios de séries de televisão já existentes (51 desses episódios, entre os quais três desta sessão, são da série *The Rifleman*), onde o seu uso do preto e branco, da encenação em profundidade, do movimento de câmara e dos mundos criados em estúdio o tornaram, por vezes, o F.W. Murnau da televisão. Lucas McCain (Chuck Connors) protege uma cidade do Oeste Selvagem de arruaceiros enquanto toma conta do seu filho com uma caçadeira a postos. DUEL OF HONOR atreve-se a colocar a questão: O que aconteceria se um homem *gay* aparecesse numa cidade do Velho Oeste? Os preconceitos dos habitantes da cidade são examinados em profundidade. Em THE DESERTER (com Harry Carey Jr.), uma obra notável sobre a não-violência, o *Rifleman* tenta salvar a vida de um jovem soldado que desertou e irá ser executado. PANIC conta uma história de pandemia: Lucas descobre um jovem casal com febre-amarela, coloca-os em quarentena e cuida deles em sua casa, enquanto a cidade, desde os mais altos dirigentes até ao idiota da aldeia, começa a entrar em pânico.

► Quinta-feira [28] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### MY NAME IS JULIA ROSS

*Angústia*  
de Joseph H. Lewis  
com Nina Foch, May Whitty, George Macready  
Estados Unidos, 1945 - 65 min  
legendado eletronicamente em português | M/12

Um soberbo “gótico noir” por um mestre do género, Joseph H. Lewis, futuro realizador de GUN CRAZY ou THE BIG COMBO, especialista em tirar o máximo partido dos orçamentos modestos com que filmou durante praticamente toda a obra. O ponto de partida é simples: uma mulher acorda em casa de desconhecidos, que lhe dizem convictamente que ela não é a Julia Ross que pensa ser mas antes outra pessoa. Amnésia? Loucura? Ou um sinistro “complot” de objetivos insondáveis? Um grande-pequeno filme de pouco mais de uma hora. A exibir em cópia digital.

### NOTA SOBRE AS CÓPIAS A EXIBIR

Longamente negligenciada pelas televisões que os produziram e ainda em larga parte longe dos arquivos americanos que os poderiam preservar e restaurar, a maior parte da componente de produção televisiva incluída neste Ciclo não é há muito acessível nos seus formatos originais (35mm e 16mm), mas também ainda não está disponível em formatos digitais de alta definição. Por essa razão, alguns dos filmes a exibir (felizmente uma minoria de entre os títulos programados) serão apresentados em cópias de baixa definição com mais evidentes limitações de qualidade (o que, nos casos em que se justificar, poderá ser objeto de aviso especial nos dias que antecedem a respectiva projeção). Pela sua raridade, relevância e pela impossibilidade de obter cópias de melhor qualidade - mas também pela própria questão da sua receção originalmente ligada ao contexto de um meio televisivo que, quando comparado com a experiência sensorialmente mais rica do espectador de cinema em sala seu contemporâneo, era bastante condicionado pelas restrições técnicas existentes) -, optámos por manter a sua programação no contexto deste Ciclo.

## DJIBRIL DIOP MAMBÉTY – CAVALGAR O VENTO



senegalês Djibril Diop Mambéty (1945-98) foi uma das personalidades mais fortes e originais a terem surgido em toda a História do cinema africano, que nasce tardiamente na primeira metade dos anos 60, na sequência das independências de numerosos territórios colonizados pela França e a Grã-Bretanha. Indo além do contexto africano, foi uma das personalidades mais livres entre os cineastas da sua geração no âmbito do cinema mundial. A sua originalidade começa com o facto de, embora consciente e orgulhoso de ser africano, ele nunca ter levado em conta nos seus filmes as questões de identidade cultural e de relação com as tradições que marcaram o cinema do continente por muito tempo. Como observou o crítico Sada Niang, “numa África cujo discurso político estava obnubilado pela necessidade da modernização, o imperativo do desenvolvimento e a recuperação da pureza identitária, Mambéty preferiu retirar-se calmamente dessas prioridades para forjar uma linguagem cinematográfica construída sobre o quotidiano dos marginais e excluídos de toda a espécie” (“interesse-me por pessoas marginalizadas porque creio que contribuem mais para a evolução da sociedade do que os conformistas. As pessoas marginalizadas põem a comunidade em que vivem em contacto com um mundo mais vasto”, observou ele). Isto se deve ao facto de, como observou o cineasta congolês Balufu Bakupa-Kanyinda, Mambéty ser “o produto de diversas culturas: erudita e popular, religiosa e pagã, teatral e literária, africana e ocidental, além dos *westerns* e filmes indianos da sua juventude”.

A obra de Djibril Diop Mambéty totaliza cerca de sete horas de cinema e o seu filme mais célebre, *TOUKI-BOUKI*, tornou-se um clássico do cinema moderno, tendo sido objeto de restauro pela Martin Scorsese Foundation por ser considerado uma obra fundamental na História do cinema. Este filme, no entanto, foi pessimamente recebido à época no Senegal e o realizador foi objeto de furiosas polémicas, tendo ficado vinte anos sem filmar, antes de voltar a surpreender com *HYÈNES*. Filho de um sacerdote muçulmano, Djibril Diop (acrescentou posteriormente Mambéty ao seu nome em homenagem à sua avó), nasceu num bairro popular de Dakar e teve o seu primeiro contacto com o cinema na infância através da música dos filmes projetados em cinemas ao ar livre, cercados por uma vedação, nos quais ele não tinha dinheiro para entrar: “Ouvi filmes durante muitos anos antes de vê-los. Para mim, tudo começou com a música dos *westerns* e o primeiro filme que vi foi precisamente um *western*”. Bom aluno, porém rebelde, abandonou o liceu aos dezasseis anos e pôs-se a viver entre a casa paterna (um dos seus irmãos, Wasis, tornou-se-ia um conhecido músico) e as ruas de Dakar, que passou a conhecer profundamente. Aos dezanove anos, graças ao auxílio do diretor do Centro Cultural Francês, realiza em casa o seu primeiro filme, *BADOU BOY*, que não teve difusão pública e cujo título retomaria na sua primeira longa-metragem. Neste período, Djibril Diop Mambéty trabalhou em teatro, como ator em peças de autores senegaleses e europeus (Shakespeare e Ionesco) e em 1966 teve lugar um acontecimento que mudaria a sua vida: o Festival de Artes Negras organizado pelo governo senegalês, de uma duração de três semanas, com a presença de artistas e intelectuais negros de vários continentes, com concertos, exposições, debates, teatro, cinema e dança. O contacto maciço com obras muito variadas de artistas e intelectuais negros de diversas épocas fê-lo “perceber que fazia parte do povo que tinha participado efetivamente na construção de uma imensa civilização. Ter percebido isto abriu-me as portas do universo”. Depois de uma brilhante curta-metragem, *CONTRA’S CITY*, em que observa com ironia os contrastes arquitetónicos e culturais da sua cidade natal, Mambéty estreou-se na longa-metragem com a segunda versão de *BADOU BOY*, história de um rapaz das ruas e das suas astúcias para sobreviver, contada de modo anárquico, num tom de comédia burlesca. Três anos depois, realiza *TOUKI-BOUKI*, apresentado na Quinzena dos Realizadores em Cannes e no Festival de Moscovo, ponto culminante da sua obra, mas que resultou num longo e cruel silêncio, o altíssimo preço que ele teve de pagar pela sua independência, de que foi tirado por Idrissa Ouedraogo, que o convidou a realizar o *making of* do seu *YAABA, A AVOZINHA*, intitulado *PARLONS GRAND-MÈRE*. O regresso de Mambéty à realização propriamente dita fez-se com *HYÈNES*, que adapta, num estilo muito diferente de *TOUKI-BOUKI* – grave e quase solene – *A Visita da Velha Senhora*, de Friederich Dürrenmatt, para criticar o poder do dinheiro, mais exatamente o do Fundo Monetário Internacional e da servidão que impõe aos povos africanos e de outras regiões do mundo. A seguir, encetou uma trilogia sobre *les petites gens*, as pessoas de condição modesta, da qual só pôde realizar as duas primeiras partes: *LE FRANC*, em que retoma o tom algo burlesco de *BADOU BOY*, e *LA PETITE VENDEUSE DE SOLEIL*, que concebeu como uma homenagem



PARLONS GRAND-MÈRE

à coragem das crianças que trabalham na rua para ajudar o sustento da família. Dotado de uma inteligência, uma independência de espírito e um talento excecionais, Djibril Diop Mambéty conhecia bem as realidades materiais do cinema, mas nunca deixou de abordar o seu trabalho com palavras de verdadeiro poeta: “A matéria-prima do cinema é o desejo. O cinema pode ser algo de grande, se não formos seus escravos. O seu ser é um vento, é preciso soprar na direção onde sabemos que há ventos. É preciso influenciar a flor que parte o muro, é preciso dirigir-se à flor, pois só a flor tem o poder de tudo partir”.

Ao longo dos anos, a Cinemateca Portuguesa apresentou filmes de Djibril Diop Mambéty, desde o longínquo 1995 no Ciclo “Cinemas de África” (*TOUKI-BOUKI* e *LE FRANC*), além de *HYÈNES* em 2011 (Ciclo “Um Toque de África”), voltando a programar mais uma vez *TOUKI-BOUKI* em 2014, no âmbito do Queer Lisboa, mas há muito tempo que se impunha uma retrospectiva integral da obra desta personalidade maior, de modo a oferecer aos espectadores uma visão de conjunto do seu percurso. Será publicado um volume da coleção *Cadernos da Cinemateca*.

- Terça-feira [05] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro  
 ► Terça-feira [12] 15h30 | Sala Luís de Pina ATENÇÃO À SALA

### TOUKI-BOUKI

“A Viagem da Hiena”

de Djibril Diop Mambéty

com Magaye Niang, Mareme Niang, Ousseynou Diop, Aminata Fall

Senegal, 1972 – 85 min / legendado eletronicamente em português | M/12

TOUKI-BOUKI é um clássico do cinema moderno, não apenas do cinema africano. Um par de amantes – um pastor e uma estudante universitária de condição modesta – rompe as amarras com a família e com aquilo que fazia e circula por Dakar numa moto ornamentada com enormes cornos bovinos, à procura de dinheiro para realizar o seu sonho: ir para Paris. Utilizam sempre meios desonestos, porém não violentos. Livres e amorais – o que fez que alguns aproximem o filme de PIERROT LE FOU – os dois conseguem o que querem e antes de embarcar desfilam pela cidade com roupas extravagantes e ares de vedetas. Djibril Diop Mambéty, que estava convencido que “é preciso escolher entre a pesquisa estilística ou o mero registo dos factos; um realizador tem de ir além do registo dos factos e que os Africanos em particular têm de reinventar o cinema”, declarou alguns anos depois de realizar este filme que ao realizá-lo “quis explodir muitas coisas. Estava irritado com a fisionomia do cinema africano, que me exasperava, porque a meu ver escolhia a facilidade. Não me refiro ao plano ideológico, mas à forma. As coisas não são levadas para a frente, nada é abandonado! É esta pequena cólera que deu o seu rosto a TOUKI-BOUKI”, um filme com movimentos giratórios da câmara, cortes abruptos, uma narrativa ao mesmo tempo extravagante e estruturada, que se resolve de modo ambíguo. A exhibir em cópia digital.

- Terça-feira [05] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro  
 ► Quarta-feira [13] 19h30 | Sala Luís de Pina

### CONTRA’S CITY

de Djibril Diop Mambéty

Senegal, 1969 – 22 min

### BADOU BOY

de Djibril Diop Mambéty

com Lamine Ba, Christophe Colomb, Aziz Diop Mambéty, Djibril Diop Mambéty, Langouste

Senegal, 1970 – 56 min

duração total da projeção: 78 min / legendados eletronicamente em português | M/12

Estes dois filmes em que Djibril Diop Mambéty se estreia na realização são complementares, na medida em que a cidade de Dakar é não apenas o cenário como a coprotagonista da ação. Em CONTRA’S CITY, um casal de franceses percorre Dakar, com os seus edifícios administrativos de arquitetura tipicamente francesa e os seus mercados de rua tipicamente africanos, misturando em *off* comentários ingénuos e observações cruamente racistas, numa paródia do estilo dos filmes franceses de propaganda turística. O filme é uma crítica ferina, porém bem-humorada, à mentalidade colonialista. BADOU BOY é a primeira obra-prima no percurso de Djibril Diop Mambéty, que declarou que o protagonista “tem muitas semelhanças” com ele próprio. Trata-se de um périplo sem fim e sem desfecho de um rapaz que ganha a vida como pode pelas ruas de Dakar e é perseguido por um polícia desastrado e incompetente, de quem ele sempre consegue escapar. Por não ser trabalhador nem vítima, o protagonista destoa do cinema africano do período. A narrativa tem um tom burlesco e o próprio realizador tem um pequeno papel, numa personagem que é uma nítida alusão/homenagem a Charles Chaplin. A banda sonora – quase toda composta por música e sons de rua, com escassíssimos diálogos – excepcionalmente densa e rica, tem um peso decisivo na estrutura e no ritmo narrativo, o que vem lembrar-nos que antes de ver filmes o futuro grande realizador ouvia-os. Primeiras apresentações na Cinemateca. A exhibir em cópias digitais.

- Quarta-feira [06] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro  
 ► Segunda-feira [18] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### PARLONS GRAND-MÈRE

de Djibril Diop Mambéty

Burkina Faso, 1989 – 35 min

### HYÈNES

de Djibril Diop Mambéty

com Ami Diakhate, Mansour Diouf, Mamamadou Mahouredia Gueye

Senegal, Suíça, 1992 – 110 min

duração total da projeção: 145 min / legendados eletronicamente em português | M/12

PARLONS GRAND-MÈRE é o *making of* de YAABA, A AVOZINHA, de Idrissa Ouedraogo, que num belo gesto de amizade convidou Djibril Diop Mambéty, afastado do cinema há quinze anos, a realizá-lo e a reatar com o ato de filmar. A principal diferença entre este *making of* e a maioria dos trabalhos do género é que não se trata de uma mal disfarçada peça de propaganda sobre um futuro filme, mas dos apontamentos de um observador altamente qualificado: era cineasta e africano. HYÈNES marca o verdadeiro regresso de Mambéty à realização e é uma adaptação de *A Visita da Velha Senhora*, de Friederich Dürrenmatt, na qual uma mulher regressa à sua aldeia natal depois de muitos anos, para vingar-se de uma humilhação que sofrera no passado. O realizador explica que no seu filme “uma mulher chamada Ramatou aparece com muitos milhões e pede a uma população paupérrima que faça um sacrifício. As pessoas aceitam, empurradas pela miséria e é por isto que Ramatou representa o Banco Mundial”. Na ótica de Mambéty, trata-se menos da história de uma vingança pessoal, do que do retrato de uma comunidade enfraquecida, em que todos parecem fechados por um muro invisível e é abalada pela perspectiva do dinheiro. O estilo deste filme que tem algo de testamento e líbello, é totalmente diferente do de TOUKI-BOUKI: de aéreo, o cinema de Djibril Diop Mambéty tornou-se terreno, de rápido tornou-se lento, de despreocupado tornou-se grave. A exhibir em cópias digitais.

- Segunda-feira [11] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro  
 ► Segunda-feira [18] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### LE FRANC

de Djibril Diop Mambéty

com Madieye Massamba Dieye, Aminata Fall, Demba Bâ

Senegal/Suíça, 1994 – 45 min

### LA PETITE VENDEUSE DE SOLEIL

de Djibril Diop Mambéty

com Lissa Baléra, Tairou M’Baye

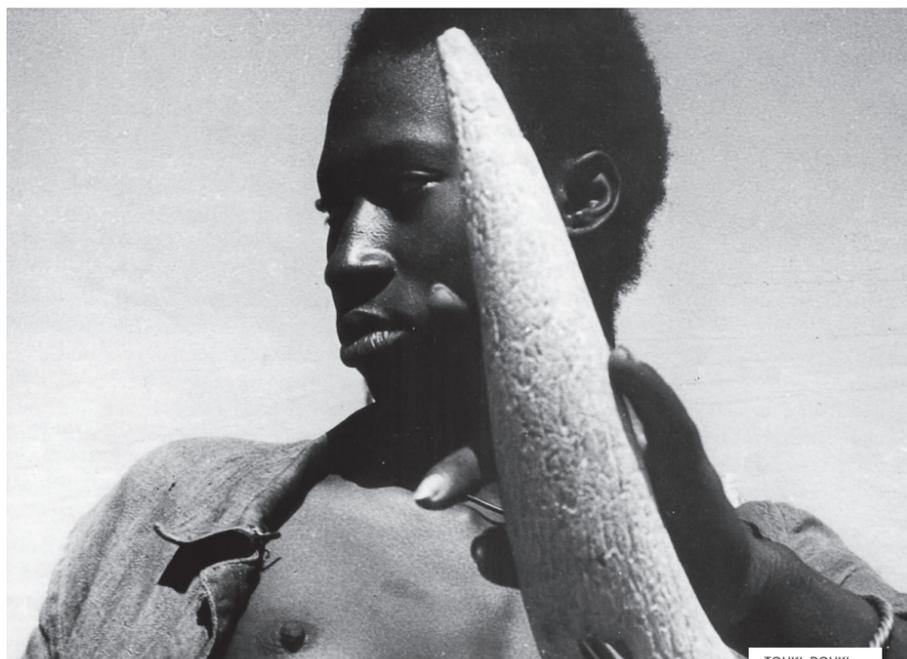
Senegal, Suíça, 1999 – 45 min

duração total da projeção: 90 min / legendados eletronicamente em português | M/12

Estes filmes formam as duas primeiras etapas de uma trilogia sobre “as pessoas comuns” que a morte não permitiu que Djibril Diop Mambéty levasse a cabo (demasiado enfermo, não pôde participar da montagem de LA PETITE VENDEUSE DE SOLEIL e a distribuição do filme foi póstuma). Em LE FRANC, realizado na ressaca da brutal desvalorização em 50% do Franco CFA, a moeda das ex-colónias francesas, um homem que vive de expedientes ganha um grande prémio na lotaria, na primeira tiragem posterior à desvalorização. Neste filme, o realizador reata com a veia burlesca de BADOU BOY e a história desta personagem de *looser* que percorre diferentes bairros de Dakar tem um irónico desenlace feliz. Estreado no Festival de Roterdão dez meses depois da morte do realizador, LA PETITE VENDEUSE DE SOLEIL é o seu filme mais singelo, mas também o mais comovente. Uma garota com uma deficiência física que a obriga a usar muletas põe-se a vender nas ruas o jornal *Le Soleil* e tem de enfrentar a concorrência desleal dos rapazes que vendem o mesmo jornal. No desenlace não realista, ela e um amigo que a ajuda caminham rumo à luz. Primeiras apresentações na Cinemateca. A exhibir em cópias digitais.



HYÈNES



TOUKI-BOUKI

## BORIS LEHMAN – REALIZADOR CONVIDADO



Quando, no seu inquérito, o *Libération* pergunta a Boris Lehman: “porque é que filma?”, ele, antes de responder, devolve a pergunta: “porque é que faço cinema?”. Apesar de a sua filmografia incluir uma listagem de 79 filmes, Boris Lehman (n. 1944) diz que fez mais de 500 (às vezes diz 600). A instabilidade do número, e a sua enormidade, são indícios do seu modo de estar no cinema que é inseparável do seu modo de estar na vida: Boris Lehman não

para de filmar. O gesto cinematográfico é para si uma questão de vida ou morte (“não filmo mais do que o tempo que me resta para viver”), uma maneira de mostrar o que viu, o seu modo de se encontrar no e com o mundo e de entrar em comunhão com as coisas e com os outros (às vezes com os outros através das coisas, como muito literalmente em *CHOSSES QUI ME RATTACHENT AUX ÊTRES*).

Em *A COMME ADRIENNE* diz para um dos amigos com quem está a filmar (ele só filma com amigos): “só faço um *take*”. É rápida e seca essa afirmação, Boris está a responder a uma exigência da rodagem. Mas apesar de breve ela indica a pedra de toque do cinema de Boris: é um cinema indissolúvelmente ligado à vida, que também acontece num só *take* – o que ressoa no que Pasolini diz em *Observações sobre o plano-sequência* sobre a vida que, como o cinema, é um plano sequência infinito e que o filme, como a morte, é aquilo que lhe dá sentido (um sentido que só pode ser, assim, póstumo). Nas suas [MES] *ENTRETIENS FILMÉS*, Boris Lehman diz: “filme, não faço filmes”.

Nas datas é comum encontrar, não apenas anos, mas períodos (na maioria das vezes longos) de tempo. A ordem cronológica é impossível, no cinema de Boris Lehman, que acontece como um fluxo contínuo, com pequenas e breves paragens – os filmes – com que organiza as imagens que vai filmando e colecionando. Cada filme é uma espécie de morte que organiza, como o *flash* que Pasolini descreve no fim desse seu texto, as imagens filmadas até aí – é por isso que Boris Lehman diz que os filmes são a sua memória e que guardam, como um rasto, tudo aquilo de que já se esqueceu.

Movida por este elo inextricável entre cinema e vida, há uma dimensão performática muito particular e forte no trabalho de Boris Lehman (que exploraremos neste programa). Essa dimensão performática tem pelo menos dois espaços de expressão. Há um lado performático, e sobretudo auto-performático, que atravessa todos os seus filmes e que se materializa de modo direto na encenação, isto é, no gesto de fabricar cena e pôr (e pôr-se) em cena. É um dos aspetos mais abordados pelos comentadores da sua obra, que por vezes se referem aos seus filmes como “auto-biografias” ou “auto-retratos”. Mas, embora se repita a primeira pessoa nos títulos dos seus filmes (eu, meu, minha), e de não haver filme em que Boris não apareça, a sua presença é uma questão de posicionamento, e não de ego ou narcisismo: em cada filme, Boris Lehman diz eu para chegar ao outro e ao mundo – o que fará com que Dominique Noguez conclua que “talvez tenha feito o melhor cinema na segunda pessoa” dos últimos anos. “A minha vida tornou-se o argumento de um filme que se tornou a minha vida”. A sua entrada em cena é a criação da cena (e de si, numa permanente crise identitária), onde depois convida outros a entrar e a estar, inteiros.

A segunda dimensão da *performance* é a própria projeção: Boris Lehman acompanha todas as projeções dos seus filmes (como fará aqui na Cinemateca) e não é incomum acabar a jantar ou a beber um copo com os seus espectadores. Costuma ser ele a transportar os seus filmes para as cabines de projeção e *HOMME PORTANT SON FILM LE PLUS LOURD* – que poderíamos traduzir por “homem a transportar o seu filme mais pesado” – é em parte uma paródia a esse gesto e noutra parte podemos considerá-lo um comentário mordaz aos pesados produtos do cinema. Algumas das suas projeções são *performances* (projetou, por exemplo, uma vez, as 6 horas e meia do seu filme *BABEL* à manivela, com o ritmo da projeção a ser ditado pelo ritmo da sua mão). Outras vezes acompanha as projeções com comentários ao vivo, ou convida músicos para trabalhar sobre a projeção dos seus filmes, como fará na primeira destas sessões. É como se procurasse continuar o movimento do cinema, mesmo para lá do filme.

Boris Lehman entrou em contacto com o cinema como cinéfilo (foi assíduo espectador do Festival de Knockke-le-Zoute) e esteve sempre muito ativo nos movimentos de cinema amador. Colaborou na fundação de associações de cinema como o Cinélibre, o Cinédit, o Atelier de Jeunes Cinéastes ou o Club Antonin Artaud, este na instituição psiquiátrica onde também trabalhou, estruturas fundadas para sustentar um modo colaborativo de fazer cinema, criadas para facilitar a troca de material e equipamento entre aqueles que queriam filmar fora dos circuitos profissionais. Aliás, descreve o seu cinema como amador e aproxima-o do gesto do cinema primitivo: feito por aqueles que inventam o cinema à medida que o fazem. Faz particularmente filmes de família, diz, e repete em entrevistas a profunda admiração e afinidade que tem com Jonas Mekas, alguém que também dizia “não faço senão *home movies*”. Apesar de nunca filmar a sua família de facto – diz-se órfão, no cinema – filma com amigos atrás e à frente da câmara e filma a sua intimidade (e por isso, diz, deixou de ter intimidade). E tem a mesma atenção ao banal (o “infra-ordinário” de Pérec), numa constante observação do gesto minúsculo, dos movimentos comuns, anódinos, numa convivência com os tempos-mortos, com os não-acontecimentos, invisíveis, desconsiderados. É talvez a dimensão mais delicada e bela do seu cinema, uma atenção ao invisível comum.

Boris Lehman visita a Cinemateca pela quarta vez, depois de no ano passado ter vindo a propósito do Doc’s Kingdom (programa que provocou este). O cineasta acompanhará, como de costume na rubrica regular de programação “Realizador Convidado”, todas as sessões ao longo de cerca de duas semanas. Quase todos os filmes projetados são primeiras exposições na Cinemateca, continuação de um percurso infundável pelo cinema de Boris Lehman. É um programa que se concentra no dinamismo do seu cinema, que tenta perceber e dar a ver os engenhos cinematográficos que Boris criou para aceder e se ligar ao mundo e aos outros. Poderia ser outro programa, poderiam ser outros, infinitos. Quanto infinitos poderiam ser os filmes de Boris Lehman.



► Terça-feira [12] 19h00 | Sala Félix Ribeiro

### ALBUM 1

de Boris Lehman

Bélgica, 1974 - 60 min / legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO ACOMPANHADA AO VIVO POR LEITURAS DE BORIS LEHMAN E MÚSICA DOS SAMBACALAO

“Concebi este filme em 1974 para o primeiro festival nacional de Super 8. Os organizadores, à semelhança do que tinha sido feito em Paris um ano antes, pediram a alguns profissionais que realizassem um filme neste formato, reservado a amadores. Muitos recusaram. Eu não. Com cerca de vinte bobines, fiz um filme de uma hora, praticamente sem desperdício, sem sobras. O princípio do filme foi o seguinte. Como as regras do festival proibiam que os amadores apresentassem filmes de família e de férias, e tudo me era permitido, pensei em fazer um [filme de família]. E, como se falava muito na democratização do cinema graças ao Super 8, pensei em envolver outras pessoas na realização do meu filme. Filmei e fui filmado por 150 pessoas, amigos e outras pessoas, quando as fui visitar a suas casas ou encontradas na rua durante os meses de julho e agosto de 1974, em Bruxelas e arredores. (...) Filme-bruto, de família sem família, ALBUM 1, na sua exploração técnica e estética, atinge o grau zero do cinema. Assim, vemos uma estação sem o comboio a chegar, a entrada de um diretor na sua fábrica, uma refeição de bebé, a leitura de cartas de tarot, o irrigador sem água e até um leão de Potemkin” (Boris Lehman). Primeira exibição na Cinemateca. E será única, porque é também uma *performance* (repetindo o dispositivo da sua primeira projeção).

► Quarta-feira [13] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### À LA RECHERCHE DU LIEU DE MA NAISSANCE

de Boris Lehman

Bélgica, 1990 - 75 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O título indica o percurso: Boris Lehman parte à procura do lugar do seu nascimento. Nesse movimento, não só descobre que o registo do nascimento e da morte se encontram na

mesma repartição de Lausanne (o filme segue a burocracia da existência e cruza, por vezes bruscamente, sem piedade, o nascer e o morto); como, ao seguir para trás o percurso da sua vida (num exercício de pós-memória), segue a errância e os gestos que se repetem, como ladainhas, para assegurar cada presente da cultura judaica. É uma espécie de sinédoque: “partir do EU para falar do mundo (a menos que seja ao contrário)” (B.L.). É a primeira entrada, neste programa, na cosmogonia do cinema de Boris: olhar para o minúsculo, descobrir um mundo.

► Quinta-feira [14] 19h30 | Sala Luís de Pina

### COUPLE, REGARDS, POSITIONS

de Boris Lehman

Bélgica, 1983 - 60 min / legendado eletronicamente em português | M/12

“É um filme de amor que fala de um casal, mas não de forma psicológica. É filmado inteiramente sem cenário (sobre fundo preto e sem som). É composto por uma sucessão de quadros, cenas que evocam a dificuldade, até mesmo a impossibilidade, de um homem e uma mulher se comunicarem, se unirem... Como o filme é silencioso (exceto uma sequência central) e muitas cenas são filmadas em grande plano sem qualquer referência à realidade, o mais pequeno detalhe torna-se significativo”. “Concebido como uma colagem, o sentido do filme dá-se como nos sonhos, pelas associações e analogias dos elementos que põs em jogo. Para além da magia das imagens, do sadomasoquismo de certas cenas, do esoterismo do seu propósito, é um filme de solidão, sofrimento e amor.” “É um jogo experimental”, “um ensaio de cinema alquímico” (Boris Lehman). A exibir em cópia digital.

► Sexta-feira [15] 19h30 | Sala Luís de Pina

### MASQUE

Bélgica, 1987 - 9 min

### LA DERNIÈRE (S)CÈNE : L'ÉVANGILE SELON ST-BORIS

Bélgica, 1995-2003 - 14 min

### L'IMAGE, LE MONDE

Bélgica, 1999 - 4 min

### CHOSSES QUI ME RATTACHENT AUX ÊTRES

Bélgica, 2010 - 15 min

### L'HOMME DE TERRE

Bélgica, 1989 - 40 min

filmes de Boris Lehman

duração total da projeção: 82 min

legendados eletronicamente em português | M/12

Sessão que acompanha o dinamismo e humor do cinema de Boris Lehman, e percorre a linha frágil entre a vida e a morte, onde este sempre se situa. Em MASQUE a máscara fúnebre de Boris Lehman é fabricada enquanto ele está vivo (o que exige criar um artefacto rudimentar para que continue a respirar dentro do gesso). O gesto é acompanhado do princípio ao fim. Em LA DERNIÈRE (S)CÈNE, uma ceia (a última) em frente a uma demolição: “vou morrer”, diz, na companhia dos seus amigos. CHOSSES QUI ME RATTACHENT AUX ÊTRES é literal: as coisas que o ligam aos seres são enumeradas, entre esquecimentos, enganos e distrações (de vez em quando começa a usar as coisas que está a enumerar). Um exercício de memória que relembra a aleatoriedade do arquivo daquilo que vai restar de nós quando está (ou estiver) nas mãos de outros. Em L'IMAGE, LE MONDE, o planeta Terra é esvaziado até caber nas mãos de Boris. E sobre

L'HOMME DE TERRE, ele diz o que poderia resumir toda a sessão: “Filme constantemente este presente enquanto está a desaparecer. Apesar de mim, torno-me o arqueólogo de amanhã. Em L'HOMME DE TERRE, Paulus Brun esculpe um duplo de mim em barro e eu filmo esta construção antes de a destruir, de a apagar, de a obliterar. (...) Uma coisa aparece e depois desaparece, sempre. Estou a espalhar inúmeros espelhos frágeis no meu caminho, que eventualmente se vão estilhaçar e transportar fragmentos de mim, que alguém, algum dia, vai recolher e reconstruir.” Primeiras exposições na Cinemateca (à exceção do último filme).

► Sábado [16] 14h30 | Sala Luís de Pina

### MES ENTRETIENS FILMÉS

de Boris Lehman

com a participação de entre outros, Dominique Paini, Jean-Pierre Gorin, Jean Rouch, Saguenail Abramovici, Regina Guimarães, Jonas Mekas, Robert Kramer

Bélgica, 1995-2012 - 404 min / leg. eletronicamente em português | M/12

Logo no início, um intertítulo anuncia “Cineastas fora do nosso tempo”, numa paródia à famosa série de Janine Bazin e André S. Labarthe. MES ENTRETIENS FILMÉS é, nas palavras de Boris Lehman, “um manifesto do cinema independente e artesanal, de um cinema livre de estrangimentos financeiros e profissionais”. Apesar de ser feito quando Boris já não queria fazer filmes, tornou-se, “quase e apesar de tudo, um filme”. As conversas, que começam por ser sobre o cinema de Boris, acabam por ser conversas sobre o cinema todo. São lições preciosas, exibidas pela primeira vez completas na Cinemateca.

► Segunda-feira [18] 19h30 | Sala Luís de Pina

### HOMME PORTANT SON FILM LE PLUS LOURD

de Boris Lehman

Bélgica, 1994 - 61 min / legendado eletronicamente em português | M/12

“A solidão – e o sofrimento – dos cineastas (e, portanto, a sua alegria) começa com o peso das bobinas que carregam. Carregar a matéria-prima do meu trabalho (não sei porquê, mas sempre tentei imaginar como o Beethoven carregava dentro de si uma sinfonia inteira) e carregar a câmara e o equipamento de som, permitem-me sentir o que é que o ponto de vista e o movimento realmente significam. Para mim, um disparo e um movimento de câmara deviam ser uma recompensa pelo esforço físico. És moldado pelo que carregas.” (B.L.) Mais um exercício literal: Boris Lehman carrega os seus filmes, não raramente com dificuldade – e lembramo-nos de Godard: “Queimem-se os filmes, são mercadoria. A arte é o que nasce desse incêndio”. Primeira exibição na Cinemateca.

► Terça-feira [19] 18h00 | Sala Luís de Pina

### HISTOIRE DE MA VIE RACONTÉE PAR MES PHOTOGRAPHIES

de Boris Lehman

Bélgica, 1994-2001 - 210 min / leg. eletronicamente em português | M/12

“Este diálogo é meu, íntimo, mas ao mesmo tempo é o de todos, aquele que cada um de nós pode vivenciar (toda a gente tem uma máquina fotográfica), não é o de um profissional da fotografia, mas o de um amante da vida, que captou quotidianamente alguns detalhes de uma cidade, de uma época, de uma vida” (Boris Lehman). Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

► Quarta-feira [20] 19h30 | Sala Luís de Pina

### A COMME ADRIENNE

de Boris Lehman

Bélgica, 2000 - 115 min / legendado eletronicamente em português | M/12

“Este filme é uma prenda, uma prenda oferecida a uma senhora, uma senhora de quem eu gosto muito e que gosta de mim” (Boris Lehman). Filme delicado e precioso na atenção que dá aos gestos mais comuns, mais banais, do dia-a-dia de Adrienne. “O sonho faz parte da vida de todos os dias. Não pode ser excluído. O real e o irreal são um só mesmo”, lê Adrienne num conto persa, enquanto se vai lembrando da sua vida passada no Irão. É uma lição de vida nos seus gestos mais modestos e enormes por causa disso, que lembra a dimensão cósmica do cinema de Boris: “A minha visão é cosmogónica. Quando filmo uma chávena de café, filmo o universo”. A exibir em cópia digital.

► Quinta-feira [21] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### HISTOIRE DE MES CHEVEUX (DE LA BRIÈVETÉ DE LA VIE)

de Boris Lehman

Bélgica, 2003-2010 - 91 min / leg. eletronicamente em português | M/12

“A história do meu cabelo conta-se em duas linhas (ou duas frases): era preto e comprido. Ficou branco. Não o corto desde 1982. A história do meu cabelo é uma viagem no tempo e no espaço.” Houve quem o considerasse um filme-testamento, mas Boris Lehman continuou (continua hoje) a filmar. É um regresso à linha frágil que cose todo o cinema de Boris Lehman (entre a vida e a morte), aqui olhada de frente a partir do próprio envelhecimento (tão raramente olhado de frente, no cinema). “Sim, tal como o meu corpo, os filmes envelhecem, deterioram-se e acabam por se perder (já vivi muito isso). O anunciado desaparecimento da película, que utilizei durante cinquenta anos para fazer os meus, é disso nada mais que um forte sinal. Mas sempre teremos os filmes” (Boris Lehman). Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

► Sexta-feira [22] 19h30 | Sala Luís de Pina

### UNE HISTOIRE DE CHEVEUX (SIBÉRIE)

de Boris Lehman

Bélgica, 2009-2020 - 97 min

legendados eletronicamente em português | M/12

Continuação da viagem da sessão anterior (agora com muito pouco cabelo). “É verdade que gosto de me desviar, de divagar, de evitar responder diretamente às perguntas, de enveredar por vias travessas, de sair dos caminhos habituais, de me deixar levar pela onda ou pelo vento. Sempre considerei que caminhava na fronteira, um nómada sem residência fixa. Onde ponho o pé, considero ser a minha casa. Percebi que foi precisamente esta deambulação, esta deambulação voluntária alimentada por encontros e repleta de coincidências, que me indicou o filme a fazer, e que o filme realmente me construiu – dando-me uma existência – e não o contrário (sempre acreditamos que o cineasta molda ou faz o seu filme). Não faço os meus filmes, sou feito por eles” (B.L.). Boris Lehman faz uma viagem à Sibéria e diz, no fim: “Andei nas águas do Lago Baikal a tentar encontrar o meu caminho. No branco”, enquanto caminha no lago gelado, liso, sem trajeto marcado, mas prestes a rachar. Primeira exibição na Cinemateca.



L'HOMME DE TERRE



COUPLE, REGARDS, POSITIONS



MASQUE

## O QUE QUERO VER ESPECIAL

**A** fechar o ano de 2023, O QUE QUERO VER volta a apresentar-se em versão “expandida” tal como já tinha acontecido nos últimos três anos. Para tentar corresponder às muitas solicitações dos espectadores da Cinemateca que fomos recebendo ao longo dos últimos 11 meses, aproveitamos novamente o mês de dezembro para um programa especial desta rubrica com um conjunto eclético de dez filmes.



AMERICAN PSYCHO

► Segunda-feira [04] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### AMERICAN PSYCHO

*Psicopata Americano*

de Mary Harron

com Christian Bale, Justin Theroux, Reese Witherspoon

Estados Unidos, 2000 - 102 min / legendado em português | M/16

Adaptação do polémico romance homónimo de Bret Easton Ellis, que resultou num filme de culto. AMERICAN PSYCHO é um olhar sobre o quotidiano de Patrick Bateman, um banqueiro da bolsa nova-iorquina que, na sua vida obsessivamente perfeita, esconde uma pulsão: assassinar mulheres que seduz durante a noite. Uma sádica sátira sobre a violência masculina e a desilusão dos sonhos capitalistas dos *yuppies* da década de 1980 que conta com uma enérgica interpretação de Christian Bale. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Segunda-feira [04] 19h30 | Sala Luís de Pina

### WE CAN'T GO HOME AGAIN

de Nicholas Ray

com Nicholas Ray, Leslie Levinson, Denny Fischer, Tom Farrell, Jane Weymann

Estados Unidos, 1971-1980 - 93 min / legendado em português | M/12

Último projeto de Nicholas Ray, feito no difícil período final da sua vida. Revelado numa primeira versão no Festival de Cannes em 1973, Ray montou e remontou o material de WE CAN'T GO HOME AGAIN até à sua morte em 1979, sem nunca dar o filme como acabado. A versão que veremos nesta sessão foi montada por Susan Ray, a partir das nove horas de material inacabado deixadas por Ray, e foi estreada no Festival de Roterdão em 1980. A cópia de Roterdão ardeu e entre as raras cópias que subsistiram conta-se a que foi adquirida em Portugal pela Fundação Calouste Gulbenkian, entretanto depositada na

Cinemateca (segundo Serge Daney, “nenhuma cinemateca poderá dormir em paz se não tiver nas suas reservas uma cópia de WE CAN'T GO HOME AGAIN”). Filmado em 35, 16, Super 8, 8mm e em vídeo, utilizando a técnica do *split-screen*, o incompleto WE CAN'T GO HOME AGAIN (expressão que significa “não se pode voltar ao passado”) é o *requiem* da obra de Nicholas Ray.

► Quarta-feira [06] 19h30 | Sala Luís de Pina

### MARRIED TO THE MOB

*Viúva... Mas Não Muito*

de Jonathan Demme

com Michelle Pfeiffer, Matthew Modine, Dean Stockwell, Mercedes Ruehl, Alec Baldwin, Joan Cusack

Estados Unidos, 1988 - 103 min / legendado em português | M/12

Michelle Pfeiffer é Angela DeMarco, casada com um mafioso que é assassinado por rivais. Angela quer aproveitar a ocasião para se libertar das teias da organização, mas o “padrinho” (uma irresistível criação de Dean Stockwell) não está de acordo e tem planos pessoais para ela. Um dos filmes mais populares do hoje algo esquecido Jonathan Demme (SELVAGEM E PERIGOSA, SILENCE OF THE LAMBS, PHILADELPHIA).

► Segunda-feira [11] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### COP LAND

*Cop Land - Zona Exclusiva*

de James Mangold

com Sylvester Stallone, Harvey Keitel, Robert DeNiro

Estados Unidos, 1997 - 105 min / legendado em português | M/16

O primeiro grande sucesso comercial de James Mangold, COP LAND representou, também,



WE CAN'T GO HOME AGAIN

um retorno à “seriedade” para Sylvester Stallone numa década de 90 relativamente atribulada. O filme desenrola-se um *thriller* criminal em que Freddy Heflin (interpretado por Stallone), um xerife dos subúrbios de New Jersey que nunca teve a oportunidade de realizar a sua ambição de ser polícia na metrópole de Nova Iorque, descobre que as forças policiais dessa cidade têm estado a proteger um bando de mafiosos. Repleto de caras conhecidas do policial norte-americano dessa década, para além de Stallone, o filme conta com interpretações de Harvey Keitel, Robert DeNiro e Ray Liotta. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Sexta-feira [15] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### BALAMOS

de Stávros Tornés  
com Stávros Tornés, Kyriakos Vilanakis,  
Eleni Maniati, Mitsos Angelakopoulos

Grécia, 1982 - 82 min /  
legendado em francês e eletronicamente em português | M/12

Stávros Tornés (1932-1988) é o realizador grego de filmes singulares, rodados com meios parcos e a colaboração de Charlotte van Gelder. Teve outros ofícios e continua a ser um cineasta secreto, cuja obra tem tido dificuldades de conservação e visibilidade, não obstante o reconhecimento (uma homenagem de 2003 em Turim) e elogios de Serge Daney, Louis Skorecki ou Jean Douchet. *BALAMOS* (apresentado na Cinemateca, em 2009, com *EKSOPRAGMATICO*) é o filme do seu regresso à Grécia, construído à volta da personagem que lhe dá o título: Balamos, um tipo que quer comprar um cavalo e vagueia como um sonâmbulo pelo campo. É “aquele que vive na ficção e atinge o seu êxtase na viagem” (Constantinos Hadziniolaou). Na abertura da sessão, *MNEMOSYNE* de Mário Fernandes (ver nota na entrada *Ante-Estreias*, pág. 15; Mário Fernandes apresenta a sessão).

► Terça-feira [26] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### CARO DIARIO

*Querido Diário*  
de Nanni Moretti  
com Nanni Moretti, Giovanna Bozzolo,  
Sebastiano Nardone, Antonio Petrocelli

Itália, França, 1993 - 100 min / legendado em português | M/12

Este é o filme em que Moretti circula por Roma na sua *Vespa*, insurgindo-se contra a destruição do espírito da cidade que se perdeu na vulgarização de subúrbios dormitório, para desembocar numa peregrinação-tributo a Pasolini. O primeiro episódio de *CARO DIARIO*, “Na Vespa” é sucedido de “As Ilhas” (por onde paira a referência a Rossellini) e do mais burlesco “Os Médicos”. *CARO DIARIO* é um olhar morettiano sobre a Itália dos anos noventa e possivelmente o filme mais popular do realizador.

► Terça-feira [26] 18h30 | Sala Luís de Pina

### TWILIGHT’S LAST GLEAMING

*A Grande Ameaça*  
de Robert Aldrich  
com Burt Lancaster, Roscoe Lee Browne, Joseph Cotten,  
Melvyn Douglas, Richard Widmark

Estados Unidos, 1977 - 146 min  
legendado eletronicamente em português | M/12



Ambicioso exemplo dos *paranoid thrillers* que pontuaram a década de 70 no cinema norte-americano, no rescaldo do escândalo Watergate, *TWILIGHT’S LAST GLEAMING* terá sido uma das últimas obras da carreira do, então prolífico, Robert Aldrich. Burt Lancaster interpreta um general da Força Aérea, encarcerado numa base militar, que ameaça provocar a terceira guerra mundial se o presidente dos Estados Unidos (num papel interpretado por Charles Durning, que era para ser entregue a Paul Newman) não revelar detalhes sobre uma reunião comprometedor, que poderá colocar em causa tudo o que se sabe acerca da Guerra do Vietname.

► Quarta-feira [27] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### FORTY GUNS

de Samuel Fuller  
com Barbara Stanwyck, Barry Sullivan,  
Dean Jagger, John Ericson

Estados Unidos, 1957 - 80 min / legendado em português | M/12

O *western* em tempo de mudança. O começo é de cortar a respiração e ficou na História. Jamais o CinemaScope foi aplicado desta maneira. Dir-se-ia que foi inventado para Fuller filmar aquela longa cavalgada de Barbara Stanwyck à frente dos seus 40 cavaleiros, mancha reptilínea nas planícies do Oeste. É o filme que destrói um “conceituado” cliché tacitamente aceite em todos os filmes do género: o duelo final que opõe Sullivan a John Ericson, com este escudado por Stanwyck.

► Quarta-feira [27] 19h30 | Sala Luís de Pina

### MAKE WAY FOR TOMORROW

de Leo McCarey  
com Victor Moore, Beulah Bondi, Thomas Mitchell,  
Fay Bainter, Barbara Reed

Estados Unidos, 1937 - 92 min  
legendado eletronicamente em português | M/12

“Segundo Rohmer, McCarey ‘compreendeu as pessoas’ melhor do que ninguém. Esta descrição, misturando comédia e melodrama de uma forma como só ele o fez, da separação forçada de duas pessoas idosas, tem todas as sutilezas e extremos sentimentais do ‘American Way of Life’, mas relata com igual clareza a observação pungente de uma idade sem esperança, a crueldade real do interior do país transformado em duas Américas – e fá-lo sem jamais mencionar os tempos difíceis da Depressão dos anos trinta” (Peter Von Bagh).

► Quinta-feira [28] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### CAUGHT

de Max Ophuls  
com James Mason, Barbara Bel Geddes, Robert Ryan,  
Frank Ferguson, Curt Bois

Estados Unidos, 1949 - 88 min / legendado em português | M/12

Para Jean-Luc Godard este é o melhor filme americano de Max Ophuls: Barbara Bel Geddes é uma jovem enfermeira que se deixa “apanhar” na sua própria armadilha romântica ao casar com um milionário por quem julga estar apaixonada, mas que descobre ser um psicopata que procura destruí-la. Um belíssimo melodrama negro.

## SÁBADOS CLÁSSICOS

**N**o programa de dezembro desta rubrica regular dos sábados à tarde preenchida com títulos essenciais dos grandes nomes da História do cinema apresentamos cinco filmes: *THREE COMRADES*, *THE MAN WHO SHOT LIBERTY VALANCE*, *MY SON JOHN*, *PSYCHO* (também programados no âmbito do Ciclo Hours and Hours – Os Filmes para Televisão dos Grandes Mestres de Hollywood e *LES DEMOISELLES DE ROCHEFORT* (exibido também no contexto da colaboração com o festival InShadow).

► Sábado [02] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### THREE COMRADES

*Três Camaradas*  
de Frank Borzage  
com Margaret Sullavan, Robert Taylor,  
Franchot Tone, Robert Young

Estados Unidos, 1938 - 98 min / legendado em português | M/12

VER NOTA NA PÁG. 03

► Sábado [09] 17h15 | Sala M. Félix Ribeiro

### THE MAN WHO SHOT LIBERTY VALANCE

*O Homem que Matou Liberty Valance*  
de John Ford  
com James Stewart, John Wayne, Lee Marvin, Vera Miles,  
Edmond O'Brien, Andy Devine, Woody Strode

Estados Unidos, 1962 - 120 min  
legendado eletronicamente em português | M/12

VER NOTA NA PÁG. 04

► Sábado [16] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### LES DEMOISELLES DE ROCHEFORT

*As Donzelas de Rochefort*  
de Jacques Demy  
com Catherine Deneuve, Françoise Dorléac, Danielle  
Darrieux, Jacques Perrin, Michel Piccoli, Gene Kelly

França, 1966 - 125 min / legendado eletronicamente em português | M/6

VER NOTA NA PÁG. 17

► Sábado [23] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### MY SON JOHN

*Perseguem o Meu Filho*  
de Leo McCarey  
com Helen Hayes, Robert Walker, Van Heflin, Dean Jagger

Estados Unidos, 1952 - 122 min  
legendado eletronicamente em português | M/12

VER NOTA NA PÁG. 06

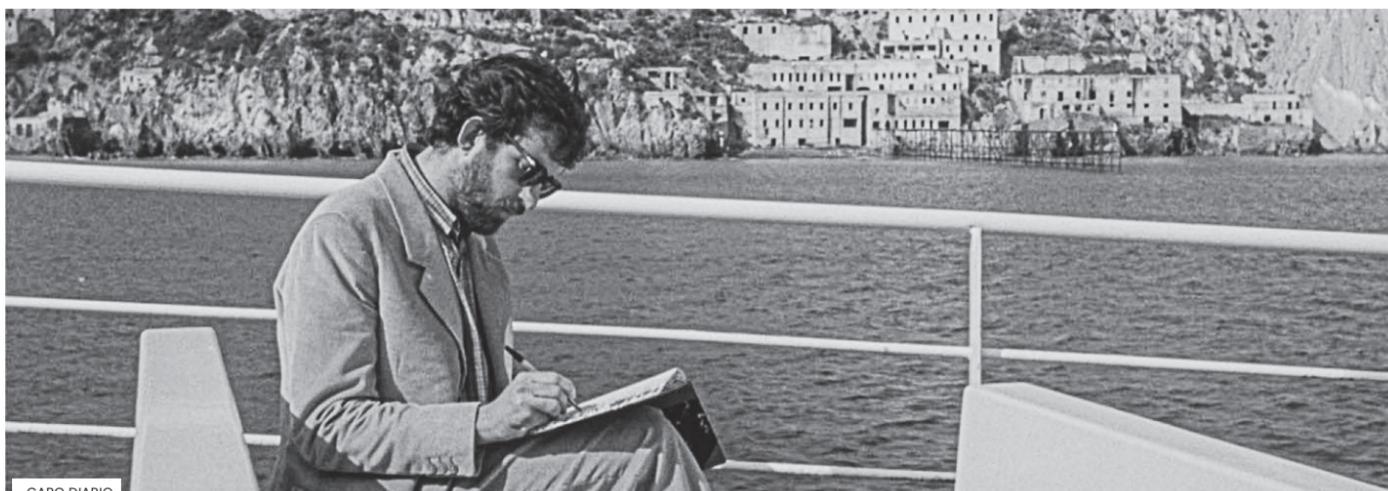
► Sábado [30] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### PSYCHO

*Psíco*  
de Alfred Hitchcock  
com Anthony Perkins, Janet Leigh, Vera Miles, John Gavin

Estados Unidos, 1960 - 109 min / legendado em português | M/12

VER NOTA NA PÁG. 05



CARO DIARIO

## LISÍSTRATA – UMA LEITURA, UMA PROJEÇÃO

**N**um ano de programação dedicado ao “filme de guerra” como “género” cinematográfico – “No campo de batalha”, “Outras vistas do campo de batalha”, “Para além do campo de batalha” foram três momentos nucleares da programação de 2023 –, dezembro propõe um *raccord* improvável. É ainda a guerra a trazer *Lisístrata*, o clássico de Aristófanes à Cinemateca num programa duplo que convoca a literatura, o teatro, o cinema: no dia 6, às 19h, a sala M. Félix Ribeiro é palco de uma sessão-leitura de *Lisístrata*, na tradução portuguesa de João Constâncio, por um grupo de atores da Sul – Associação Cultural e Artística; às 21h30 do mesmo dia, a projeção de *FLICKORNA* de Mai Zetterling volta à peça, que está na base do argumento que segue três atrizes numa digressão de teatro à volta do mesmo texto e dos reflexos nas vidas das personagens-atrizes. A sessão-leitura é organizada em colaboração com a Sul – Associação Cultural e Artística e o IFILNOVA Instituto de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa, é seguida de debate e tem entrada livre mediante levantamento de ingressos na bilheteira.



O mais conhecido filme da realizadora-atriz sueca Mai Zetterling parte de um argumento baseado em *Lisístrata*, a famosa comédia de Aristófanes escrita e encenada em Atenas em 411 a.C., esgrimindo uma tomada de atitude política pelas mulheres da cidade unidas numa greve de sexo pelo fim da guerra entre Atenas e Esparta. A dimensão feminista do cinema de Zetterling casa com a peça grega num paralelo entre a peça e as vidas das três atrizes que a interpretam numa digressão pela Suécia da companhia de teatro que integram. Um dos elementos mais interessantes de *FLICKORNA* põe-se “em termos de ‘problema cinematográfico’: a relação entre o ‘teatro’ e a ‘vida’”. (Luís Miguel Oliveira) Na Cinemateca, *FLICKORNA* foi apresentado uma única vez, em 2007, num Ciclo dedicado a Harriet Andersson, uma das três fabulosas atrizes principais.

▶ Quarta-feira [06] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### SESSÃO-LEITURA DE LISÍSTRATA DE ARISTÓFANES

por Duarte Guimarães, Ricardo Aibéo, Rita Durão, Rita Loureiro e Sofia Marques

LEITURA SEGUIDA DE DEBATE COM OS ATORES E JOÃO CONSTÂNCIO

duração aproximada da leitura e do debate: 90 min  
entrada livre mediante levantamento de ingressos na bilheteira

▶ Quarta-feira [06] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### FLICKORNA

“As Raparigas”

de Mai Zetterling

com Bibi Andersson, Harriet Andersson, Gunnel Lindblom, Gunnar Björnstrand, Erland Josephson  
Suécia, 1968 – 100 min / legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

## ANTE-ESTREIAS

**P**ara ver em dezembro, uma seleção de curtas-metragens produzidas nos últimos três anos em vários cursos da Universidade Lusófona; a curta *MNEMOSYNE*, filmada na Grécia por Mário Fernandes, e *VIAGEM AO SOL*, de Ansgar Schaefer e Susana Sousa Dias, revisitação das memórias de crianças austríacas exiladas em Portugal após a II Guerra Mundial.

▶ Quinta-feira [07] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### CURTAS-METRAGENS DA UNIVERSIDADE LUSÓFONA

#### IN THE MIDDLE OF NOWHERE

de Sam Marques  
Portugal, 2021 – 3 min

#### JORNADA

de Sarah Dias  
Portugal, 2021 – 4 min

#### OUROBOROS

de Alexandre Marques, João Costa, João Figueiredo  
Portugal, 2021 – 4 min

#### O GRANDE LOBO MAU

de Beatriz Laranjeiro  
Portugal, 2021 – 3 min

#### TODAS AS ONDAS

de Felix Cognard  
Portugal, 2022 – 13 min

#### UNFAMILIARS

de Lauri Elstelã  
Portugal, 2022 – 15 min

#### ESPÍRITOS E ROCHAS: UM MITO AÇORIANO

de Aylin Gökmen  
Portugal, 2020 – 13 min

#### ESQUECI-ME QUE TINHA MEDO

de Diogo Bento  
Portugal, 2023 – 12 min

#### VANETTE

de Maria Beatriz Castelo  
Portugal, 2022 – 12 min

duração total da projeção: 79 min | M/12

COM A PRESENÇA DOS REALIZADORES

de Lisboa, desdobra-se em quatro filmes de animação, que iniciarão o programa, e cinco filmes em imagem real. *IN THE MIDDLE OF NOWHERE* é uma conversa entre três pessoas que vivem sob as expectativas de uma sociedade construída à volta do género binário. *JORNADA* conta-se como uma viagem musical, dançada por lugares e cores de uma vida em constante mudança. Em *OUROBOROS*, um homem, preso num ciclo interminável, tenta fugir da sua própria e temível companhia. O *GRANDE LOBO MAU* é a história de um grupo de animais que, motivados pelo medo, confrontam uma ameaça. Em *TODAS AS ONDAS*, Bernardo divide-se entre a vida que deseja no surf, e o dever em ajudar no restaurante da família. *UNFAMILIARS* desdobra-se em tensões familiares e segredos guardados, dentro de uma casa que não abriga ninguém. Em *ESPÍRITOS E ROCHAS: UM MITO AÇORIANO*, a ameaça de erupções e terremotos iminentes paira sobre os habitantes de uma ilha, onde cada um arranja modo de interpretar a sua frágil situação. *ESQUECI-ME QUE TINHA MEDO* conta-nos o destino de Bruno, que vive num mundo a preto e branco, por um inexplicável medo de cores. Um dia recebe, em casa, um cesto de frutas. Por último, em *VANETTE*, acompanhamos os últimos momentos da relação amorosa entre Eva e Sónia, que vivem uma existência nómada a bordo de uma velha carrinha.

▶ Sexta-feira [15] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### MNEMOSYNE

de Mário Fernandes

com Loukia Batsi

Grécia, 2022 – 16 min / legendado em português | M/12

COM A PRESENÇA DE MÁRIO FERNANDES

Produzido e realizado por Mário Fernandes com uma pequena equipa de cúmplices, *MNEMOSYNE* teve estreia mundial na Cinemateca de Curitiba em outubro de 2022. O termo designa deusa da Memória e a sinopse indica uma “viagem no tempo de uma mulher enlutada – retrato da poetisa grega Loukia Batsi – através da herança histórica, natural e mítica das Ilhas Cíclades, na Grécia. Uma elegia cinematográfica, baseada nas *Elegias* de Propércio, onde a natureza humana enfrenta os elementos primordiais, como o vento e o mar, assim como “o Tempo, esse grande escultor”. A sessão prossegue com *BALAMOS* de Stávros Tornés (Grécia 1982, 82 min – nota na entrada *O Que Quero Ver Especial*, pág. 14).

Este conjunto de curtas-metragens, realizadas por alunos da Universidade Lusófona

► Terça-feira [19] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### VIAGEM AO SOL

de Ansgar Schaefer, Susana Sousa Dias  
Portugal, 2021 – 107 min / M/12

COM A PRESENÇA DOS REALIZADORES

Trabalhando imagens provenientes de arquivos familiares, VIAGEM AO SOL recorda as experiências das crianças imigradas da Áustria para Portugal no pós-II Grande Guerra, as quais servem de ponto de partida para uma reflexão sobre as contemporâneas crises de refugiados. Os realizadores foram ao encontro, sete décadas depois, dessas crianças, ouvindo e registando os seus testemunhos. Primeira apresentação na Cinemateca.



## NOS 25 ANOS DA AIP

A CINEMATECA COM A ASSOCIAÇÃO DE IMAGEM PORTUGUESA

A fechar a colaboração iniciada em setembro com a AIP no âmbito do 25º aniversário desta associação, a Cinemateca apresenta em dezembro o contributo artístico de quatro diretores de fotografia portugueses em outros tantos filmes nacionais: Miguel Sales Lopes (GOODNIGHT IRENE, de Paulo Marinou-Blanco), Rui Xavier (O FIM DO MUNDO, de Basil da Cunha), Vasco Viana (PATRICK, de Gonçalo Waddington) e Daniel Neves (ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ, de José Barahona). As sessões contam com as presenças dos diretores de fotografia e dos realizadores dos filmes, sendo complementadas por conversas após a projeção.

► Terça-feira [05] 19h30 | Sala Luís de Pina

### GOODNIGHT IRENE

de Paulo Marinou-Blanco  
com Robert Pugh, Nuno Lopes, Rita Loureiro  
Portugal, 2008 – 98 min | M/12

COM AS PRESENÇAS DE PAULO MARINOU-BLANCO (A CONFIRMAR) E MIGUEL SALES LOPES

Alex (Robert Pugh) e Bruno (Nuno Lopes), desiludidos com a monotonia das suas vidas, partilham uma obsessão pela pintora Irene (Rita Loureiro). Quando esta desaparece, a busca de pistas levará ao encontro entre estes dois homens que partirão à sua procura, formando uma improvável amizade. *Road movie* sensível e sorridente, foi a primeira longa-metragem de Paulo Marinou-Blanco e surgiu na sequência de um estágio em Nova Iorque coordenado por Spike Lee. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Sexta-feira [15] 18h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### O FIM DO MUNDO

de Basil da Cunha  
com Lara Cristina Cardoso, Marco Joel Fernandes, Alexandre da Costa Fonseca  
Portugal, 2019 – 107 min / legendado em português | M/16

COM AS PRESENÇAS DE BASIL DA CUNHA E RUI XAVIER

Spira, de 18 anos, regressa a casa após vários anos num reformatório. O reencontro com a família e amigos, num bairro da periferia de Lisboa, prestes a ser demolido, agravar-se-á ao cruzar-se com Kikas, o traficante do bairro que não o considera bem-vindo. Segunda longa-metragem de Basil da Cunha (ATÉ VER A LUZ), O FIM DO MUNDO estreou na competição do Festival de Locarno em 2020 e venceu, no mesmo ano, o prémio de melhor longa-metragem portuguesa no IndieLisboa. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Sexta-feira [22] 18h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### PATRICK

de Gonçalo Waddington  
com Hugo Fernandes, Teresa Sobral, Carla Maciel  
Portugal, 2018 – 103 min | M/14

COM AS PRESENÇAS DE GONÇALO WADDINGTON E VASCO VIANA

Na única longa-metragem até à data de Gonçalo Waddington, Mário fora raptado, com 8 anos de idade, numa vila do centro de Portugal. Agora, com 20 anos, dá pelo nome de Patrick (Hugo Fernandes), vive em Paris com o namorado, e é preso pela posse de um website de pornografia infantil. A descoberta do seu paradeiro fá-lo voltar a Portugal, e à vila onde tudo acontecera, onde será recebido pela família que o julgava desaparecido para sempre. Primeira apresentação da Cinemateca.

► Sexta-feira [29] 18h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ

de José Barahona  
com Paulo Azevedo, Renata Ferraz, Amanda Fontoura  
Portugal, 2015 – 94 min | M/12

COM AS PRESENÇAS DE JOSÉ BARAHONA E DANIEL NEVES

Sérgio decide imigrar para Lisboa, após ser despedido de uma fábrica em Minas Gerais. No entanto, ao chegar a Portugal, a realidade que encontra é diferente do que imaginara. Escrito e realizado por José Barahona, ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ é uma coprodução luso-brasileira, inspirada na obra homónima de Luiz Ruffato. Nas palavras do realizador, conta-se como um filme sobre “sonhos e desilusões”, construído como um “falso documentário.” Primeira apresentação na Cinemateca.

## A CINEMATECA COM O INSHADOW – LISBON SCREENDANCE FESTIVAL

A habitual colaboração com o InShadow conhece este ano uma inflexão de programação que se pretende que tenha continuidade nas próximas presenças deste festival lisboeta na Cinemateca. Pretendemos a partir de agora e em cada nova colaboração com o InShadow visitar e refletir sobre a antiga e profícua relação do cinema com a questão da dança e da especificidade da sua representação através da imagem em movimento. Começamos com um género – o musical – onde essa questão se coloca de forma mais evidente e no interior do qual foram produzidas inúmeras obras-primas que exploraram magnificamente o potencial e a singularidade da dança no ecrã.

► Sábado [09] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### TOP HAT

*Chapéu Alto*  
de Mark Sandrich  
com Fred Astaire, Ginger Rogers,  
Edward Everett Horton, Eric Blore

Estados Unidos, 1935 – 99 min / legendado em português | M/12

No cinema clássico americano, os anos trinta e os anos cinquenta foram os dois grandes períodos do cinema musical. O musical dos anos trinta é muito mais rápido e incisivo do que o dos anos cinquenta, tanto a nível da trama narrativa como das coreografias. TOP HAT é um dos pontos altos do cinema musical dos anos trinta e o mais popular do par Fred Astaire-Ginger Rogers, onde se

destacam os números *Isn't It a Lovely Day?* e *No Strings*. Jovem e elegante, Fred Astaire está no auge do que um crítico descreveu como "o seu período Art Déco". E Ginger é Ginger.

► Quinta-feira [14] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### THE RED SHOES

*Os Sapatos Vermelhos*

de Michael Powell, Emeric Pressburger  
com Anton Walbrook, Moira Shearer,  
Esmond Knight, Leonide Massine

Reino Unido, 1948 - 136 min / legendado eletronicamente em português | M/6

Uma das obras-primas do cinema britânico da década de quarenta, que tem por tema a relação entre a vida e a arte. Guiada por um empresário visivelmente inspirado na figura de Diaghilev, uma jovem bailarina torna-se uma estrela, mas tem de enfrentar o dilema entre entregar-se inteiramente à carreira ou sacrificar o amor. A fotografia em Technicolor de Jack Cardiff, a fabulosa direção artística de Hein Heckroth e a música de Brian Easdale construíram um dos mais belos musicais de sempre. Léonide Massine, que entre 1915 e 1921 foi o principal coreógrafo dos Ballets Russes de Diaghilev, tem aqui um dos seus mais importantes papéis no cinema, coreografando e dançando uma importante sequência do filme. A apresentar em cópia digital.

► Sábado [16] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### LES DEMOISELLES DE ROCHEFORT

*As Donzelas de Rochefort*

de Jacques Demy

com Catherine Deneuve, Françoise Dorléac, Danielle Darrieux, Jacques Perrin, Michel Piccoli, Gene Kelly

França, 1966 - 125 min / legendado eletronicamente em português | M/6

No fabuloso cinema "en-cantado" de Jacques Demy, há muitas obras mágicas, que tocam o maravilhoso e uma justeza limite. Dentre elas, não haverá nenhuma que seja tão jubilatória como esta. Filmado em CinemaScope e a cores, LES DEMOISELLES DE ROCHEFORT é porventura a obra-prima do cinema musical de Demy, de novo com música de Michel Legrand depois de LES PARAPLUIES DE CHERBOURG. O filme presta uma grande homenagem ao musical americano (contando mesmo com a presença de Gene Kelly) e ilustra simultaneamente a mitologia e os temas centrais da obra do cineasta, a procura do amor sob diversas formas, do mais idealista ao mais violento. Todo o filme decorre num tom eufórico e todas as personagens encontram ou reencontram aquilo que procuravam. Duas horas de felicidade cinematográfica.

► Sábado [16] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### STORMY WEATHER

*Tempestade Musical*

de Andrew L. Stone

com Lena Horne, Bill Robinson, Fats Waller

Estados Unidos, 1943 - 78 min  
legendado eletronicamente em português | M/12

Juntamente com CABIN IN THE SKY, de Vincente Minnelli, STORMY WEATHER foi o único musical, lançado nesse ano de 1943, com um elenco quase exclusivamente afro-americano, num contexto em que os atores negros eram maioritariamente excluídos das grandes produções de Hollywood. A intriga do filme desenrola-se sobre a paixão entre um dançarino com dificuldades em vingar na carreira (Bill Robinson) e uma cantora popular (Lena Horne), no que fora um dos musicais prediletos de Fred Astaire. Primeira apresentação na Cinemateca. A exhibir em cópia digital.

## COM A LINHA DE SOMBRA

Nesta rubrica regular feita em colaboração com a livraria Linha de Sombra, em dezembro assinalamos dois lançamentos através de duas sessões de cinema. A primeira sessão desta rubrica tem como pretexto o lançamento do livro *Callas e os seus Duplos*, de João Pedro Cachopo, que terá lugar no espaço da livraria Linha de Sombra nos 39 Degraus a anteceder a exibição de MEDEA, de Pier Paolo Pasolini, precisamente no dia em que se assinala o centenário do nascimento da diva. No dia 20, propomos a exibição de SHANGHAI EXPRESS, de Josef von Sternberg para complementar a apresentação do sexto volume da edição de compilação dos *Escritos sobre Cinema* de João Bénard da Costa, em que a Cinemateca tem estado a trabalhar e que inclui todos os textos por ele escritos na Cinemateca, as "folhas" por ele iniciadas na Fundação Calouste Gulbenkian e textos seus publicados em catálogos coeditados pela Cinemateca e a Gulbenkian.

► Sábado [02] 19h00 | Sala Luís de Pina

### MEDEA

*Medeia*

de Pier Paolo Pasolini

com Maria Callas, Giuseppe Gentile,  
Massimo Girotti, Laurent Terzieff

França, Itália, 1969 - 110 min / legendado em português | M/12

O encontro de Pasolini com Maria Callas (ficariam grandes amigos), deu-se à volta da *Medeia* de Eurípides, que também fora o ponto de partida de uma ópera de Cherubini, um dos grandes papéis da cantora. Mas em MEDEIA, Callas não canta e quase não fala. Filmado essencialmente em cenários naturais na Turquia, MEDEIA retoma o método de trabalho de Pasolini em ÉDIPO REI, porém com uma diferença fundamental: a tragédia não tem referentes modernos. Pasolini referiu-se ao filme nestes termos: "MEDEIA é uma mistura um pouco monstruosa de conto filosófico e intriga amorosa. Medeia vem de um mundo religioso e arcaico e chega a um mundo onde tudo é laico, moderno, refinado, culto. O drama nasce deste conflito".

► Quarta-feira [20] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### SHANGHAI EXPRESS

*O Expresso de Xangai*

de Josef von Sternberg

com Marlene Dietrich, Anna May Wong, Warner Oland,  
Clive Brook, Eugene Palette

Estados Unidos, 1932 - 82 min / legendado em português | M/12

SHANGHAI EXPRESS foi a quinta das sete maravilhas do cinema nascidas do encontro entre Josef von Sternberg e Marlene Dietrich. Aqui, Marlene tem uma das suas mais lendárias interpretações no papel de uma mulher que muitos homens transformaram em "Shanghai Lily". Numa viagem pela China, devastada pela guerra civil, num comboio com os mais estranhos e perigosos passageiros, Shanghai Lily encontra um velho amor, um médico enviado numa perigosa missão.

► Sábado [09] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### FALLING LESSONS

de Amy Halpern

EUA, 1992 - 64 min / legendado eletronicamente em português | M/12

#### SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Uma montagem de cerca de duas centenas de rostos, apresentados fugazmente numa panorâmica vertical que simula uma repetida sensação de queda no vazio; os elementos que compõem esta "cascata de rostos" interpelam-nos com o seu olhar e com as suas expressões, assim como as figuras com que nos cruzamos quotidianamente nas ruas de uma metrópole como Nova Iorque. Num filme que Halpern considera parte do movimento L.A. Rebellion, estas imagens são ainda combinadas com um episódio narrativo que levanta questões relacionadas com a violência policial, o racismo e a dificuldade de criar uma criança negra nos Estados Unidos da América (temáticas que voltará a explorar já em 2022, com I TREMBLE/8:46 sobre George Floyd). Primeira apresentação na Cinemateca.

## A CINEMATECA COM O DOC'S KINGDOM: AMY HALPERN

Em nova colaboração com o seminário Doc's Kingdom - que decorre este ano em Odemira entre 30 de novembro e 5 de dezembro - a Cinemateca dará a ver uma das obras aí apresentadas: FALLING LESSONS, única longa-metragem de Amy Halpern (1953-2023), importante e prolífica figura do cinema experimental norte-americano que serviu de inspiração à edição deste ano do seminário.

## ROBERT BRESSON VISTO POR ROBERT B. PIPPIN

EM COLABORAÇÃO COM O INSTITUTO DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Depois de aqui ter estado para falar sobre Douglas Sirk a partir de WRITTEN IN THE WIND, o filósofo americano Robert B. Pippin (professor emérito da Universidade de Chicago e autor de uma abundante obra sobre filosofia e cinema) regressa à Cinemateca para uma conferência sobre Robert Bresson (a quem dedicou vários textos) a partir da exibição de PICKPOCKET. Esta sua nova "aula aberta" intitula-se *O Estilo Filosófico em Pickpocket*.

► Quinta-feira [14] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### PICKPOCKET

*O Carteirista*

de Robert Bresson

com Martin Lassalle, Marika Green, Pierre Leymarie

França, 1959 - 74 min / legendado em português | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO E SEGUIDA DE UMA  
"AULA ABERTA" POR ROBERT B. PIPPIN

PICKPOCKET, obra-prima de Robert Bresson, é o filme em



que o seu estilo peculiar se afirma de modo definitivo. O seu filme mais austero e depurado, mas também o mais misterioso, feito essencialmente de gestos, os gestos do carteirista como metáfora de todos os gestos de posse e de revolta. Mas também de amor, que a personagem descobrirá no fim de um doloroso percurso. É o filme da célebre réplica final, dita entre grades de prisão, "O Jeanne, pour aller jusqu'à toi quel drôle de chemin il m'a fallu prendre / Oh Jeanne, que estranho caminho tive que percorrer para chegar até ti". A exhibir em cópia digital.

## O DIA MAIS CURTO

O FILMar COM A AGÊNCIA DA CURTA-METRAGEM

O FILMar, projeto de digitalização do património fílmico desenvolvido pela Cinemateca Portuguesa, volta a celebrar o dia mais curto do ano com a Agência da Curta-metragem com um programa especial que junta novas digitalizações realizadas com o apoio do Mecanismo Financeiro Europeu EEA Grants 2020-2024 e criações contemporâneas que colocam em perspetiva a relação do cinema com o mar. Ao longo destes três anos, pudemos interpretar os diferentes sentidos que os autores nacionais quiseram dar à presença do mar no imaginário cinematográfico coletivo, com filmes onde a narrativa oficial de um país trágica e epicamente destinado ao mar foi amplamente desconstruída. Os 20 filmes apresentados nas edições 2021, 2022 e 2023 (acrescentados às cerca de 50 que mostrámos nas nossas salas), inventariam uma relação de permanente diálogo contrastante, onde às políticas de propaganda institucional e política se responde com a exemplificação das consequências de um discurso manietado e oficial. Procurámos demonstrar linhas de continuidade geográfica e temática, criando pontes e espelhos entre os filmes de arquivo e o cinema contemporâneo. O principal legado do FILMar, que encerrará no final de abril de 2024, será o efetivo contributo para a visibilidade e acessibilidade das curtas-metragens como elemento central de uma produção cinematográfica regular, poderosa e ampla.

► Quinta-feira [21] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### AS GAIVOTAS CORTAM O CÉU

de Mariana Bártolo, Guillermo García López

Portugal, França, 2023 – 18 min

### AS PALAVRAS DERRETEM-SE NA ÁGUA

de Pedro Senna Nunes

Portugal, 1998 – 12 min

### SAL SEM MAR

de Fernando Duarte

Portugal, 1959 – 15 min

### SOBRE A TERRA E SOBRE O MAR

de Miguel Spiguel

Portugal, 1964 – 12 min

### SÃO MIGUEL 1924 – UM FILME DE FAMÍLIA

de Charles Mallet

Portugal, 1924 – 7 min

### COMEZAINAS

de Mafalda Salgueiro

Portugal, 2022 – 12 min

duração total da projeção: 76 min | M/12

COM A PRESENÇA DOS REALIZADORES

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO  
NOS FILMES SÃO MIGUEL 1924 E COMEZAINAS

Nesta sessão, apresentamos ficções (AS GAIVOTAS CORTAM O CÉU, AS PALAVRAS DERRETEM-SE NA ÁGUA, COMEZAINAS) onde os contextos familiares encontram pontos de fuga nas relações laborais, tanto quanto o cinema se dedica a inventar uma memória fixa para as emoções. Do mesmo modo, os documentários SAL SEM MAR, SOBRE A TERRA E SOBRE O MAR e SÃO MIGUEL 1924 são, também eles, exemplos de como a memória dos lugares, das práticas sociais e da habitabilidade, encontraram no cinema,



COMEZAINAS

mesmo quando se trata de encomenda institucional, matéria sobre a qual podemos, hoje, analisar a paisagem política e emocional do país. São seis filmes que traçam quase um século de cinema, entre 1924 a 2023 tendo como ponto em comum um desejo de experimentar, através da imagem, os limites das narrativas. Sustentados na inventividade dramatúrgica e visual, os seis filmes usam o cinema como mecanismo de observação da transformação provocada, e promovida, pela passagem do tempo. Desse modo, é também a paisagem laboral e familiar, medida à escala da memória, da nostalgia ou da expectativa que podemos observar, em filmes onde as práticas piscatórias e a sua industrialização dialogam com a construção de um território mais vasto, onde as personagens erram e vagueiam, muitas vezes procurando nas referências comuns e coletivas um reflexo de si mesmas. Todos os filmes têm a sua primeira exibição na Cinemateca, sendo os filmes de arquivo apresentados em nova cópia digital. A sessão tem o apoio do programa EEA Grants 2020-2024.

## O CENTENÁRIO DO CINEMA DE ANIMAÇÃO PORTUGUÊS

Em dezembro, a fechar esta rubrica mensal iniciada em janeiro deste ano para assinalar o centenário do cinema de animação português (organizada em colaboração com a MONSTRA – Festival de Animação de Lisboa), apresentamos uma seleção de curtas-metragens realizadas nos últimos anos por uma nova geração de animadores portugueses já com reconhecimento internacional.

► Quinta-feira [07] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### PROGRAMA GERAÇÃO DE HOJE

#### TOCADORA

de Joana Imaginário

com Ana Água

Portugal, 2017 – 7 min

#### SUSPENSÃO

de Luís Soares

Portugal, 2020 – 7 min

#### O PECULIAR CRIME DO ESTRANHO SR. JACINTO

de Bruno Caetano

Portugal, 2019 – 11 min

#### PURPLEBOY

de Alexandre Siqueira

Portugal, França, Bélgica, 2019 – 14 min

#### SURMA – WANNA BE BASQUIAT

de João Pombeiro

Portugal, 2019 – 5 min

#### AMÉLIA E DUARTE

de Alice Guimarães, Mónica Santos

Portugal, 2015 – 8 min

#### O HOMEM DO LIXO

de Laura Gonçalves

Portugal, 2022 – 12 min

duração total da projeção: 64 min | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO E SEGUIDA DE DEBATE

TOCADORA, de Joana Imaginário, é uma homenagem às várias artistas que “tocaram” a realizadora, influenciando e abrindo os caminhos que hoje explora; uma obra poética com elementos surrealistas, que combina *live-action* com várias técnicas de animação. A protagonista, que pinta aquarelas, borda e desenha no seu caderno, bebe, por equívoco, a água de lavar os pincéis e acaba transformada num desenho. A partir daí, o armário onde guarda os seus materiais de pintura transforma-se no centro de uma história em que o universo da criação artística se cruza com o mundo quotidiano. Em SUSPENSÃO, um homem triste, confinado a uma cama num quarto exíguo e despojado, reflete e pondera hipóteses sem nunca se decidir. Luís Soares explora estes momentos de indecisão, representando “as suas microações, mentais ou emocionais, as suas intermitências de vontades e medos, os seus ciclos que impedem uma resolução e as suas fantasmagorias”. O PECULIAR CRIME DO ESTRANHO SR. JACINTO, filme em *stop-motion* inspirado num conto de Manuel Ruas Moreira, com narração de Sérgio Godinho e música de Filipe Raposo, transporta-nos para um cenário distópico, uma cidade em que natureza foi proibida; um dia, o estranho senhor Jacinto, um dos seus tantos habitantes, comete um pequeno e peculiar crime, desencadeando uma série de consequências inesperadas. PURPLEBOY é um filme carregado de simbolismo que aborda a temática da identidade de género através da história de Óscar, uma criança que germina no jardim dos seus pais; como o seu corpo cresce no subsolo, ninguém sabe o seu sexo biológico, mas Óscar reclama o género masculino. Quando, finalmente, sai da terra e descobre o seu corpo, Óscar confronta-se com um mundo autoritário e opressivo contra o qual terá de lutar para obter o reconhecimento de identidade que tanto deseja. Em WANNA BE BASQUIAT, filme realizado por João Pombeiro e videoclipe da homónima música de Surma, são combinados vários recortes de imagens e filmes, construindo-se uma narrativa que remete para os mitos do “sonho americano” e do progresso económico através das representações de cenários industriais e subúrbios residenciais norte-americanos. Na curta-metragem de Alice Guimarães e Mónica Santos, uma caixa fechada no arquivo dos Amores Perdidos guarda as recordações da relação de Amélia e Duarte; percorremos as memórias de como ambos lidaram com o final da relação, numa história em que o drama e a tristeza são transformados em humor leve, representado em ações surrealistas. Em O HOMEM DO LIXO, de Laura Gonçalves, uma família junta-se à volta de uma mesa e através de conversas e das memórias de cada um, recordam a história do tio Botão, que trabalhou durante trinta anos em França como homem do lixo, e voltou a Belmonte na sua carrinha cheia de lixo, criativamente transformada num verdadeiro tesouro.

## INADJECTIVÁVEL

“entre tantas, tantas outras coisas de beleza inadjectivável” (João Bénard da Costa)

► Sábado [30] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

#### EL BRUTO

de Luis Buñuel

com Pedro Armendáriz, Kathy Jurado, Rosa Arenas

México, 1952 – 80 min / legendado em português | M/12

Embora os filmes realizados por Buñuel no México fossem pobres em meios materiais, Pedro Armendáriz, a maior vedeta masculina do país foi o protagonista deste filme. História tipicamente buñueliana, de um carneiro que mata por inadvertência um homem que fora contratado para assustar e se apaixona pela filha da sua vítima, virgem e pura, em completo contraste com a sua brutalidade. No final, o “bruto” matará o seu patrão, mas segundo Buñuel não o faz por ter adquirido uma consciência de classe e sim por pura brutalidade. Uma das obras-primas do período mexicano de Buñuel. A exhibir em cópia digital.

## 02 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR  
- SÁBADOS EM FAMÍLIA

**THE GENERAL**  
de Buster Keaton, Clyde Bruckman

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS  
SÁBADOS CLÁSSICOS

**THREE COMRADES**  
de Frank Borzage

19H00 | SALA LUÍS DE PINA | COM A LINHA DE SOMBRA



**MEDEA**  
de Pier Paolo Pasolini

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**THE DAY I MET CARUSO**  
**A TICKET FOR THADDEUS**  
de Frank Borzage

## 04 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O QUE QUERO VER ESPECIAL

**AMERICAN PSYCHO**  
de Mary Harron

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**EAST SIDE, WEST SIDE**  
de Allan Dwan

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | O QUE QUER VER ESPECIAL

**WE CAN'T GO HOME AGAIN**  
de Nicholas Ray

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**HIGH AIR**  
**IT'S ALWAYS SUNDAY**  
de Allan Dwan

## 05 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**HIGH GREEN WALL**  
**THE SAVAGE INNOCENTS**  
de Nicholas Ray

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DJIBRIL DIOP MAMBÉTY  
- CAVALGAR O VENTO

**TOUKI-BOUKI**  
**"A Viagem da Hiena"**  
de Djibril Diop Mambéty

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | NOS 25 ANOS DA AIP

**GOODNIGHT IRENE**  
de Paolo Marinou-Blanco

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DJIBRIL DIOP MAMBÉTY  
- CAVALGAR O VENTO

**CONTRA'S CITY**  
**BADOU BOY**  
de Djibril Diop Mambéty

## 06 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA FÉLIX RIBEIRO | DJIBRIL DIOP MAMBÉTY  
- CAVALGAR O VENTO

**PARLONS GRAND-MÈRE**  
**HYÈNES**  
de Djibril Diop Mambéty

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LISÍSTRATA  
- UMA LEITURA, UMA PROJEÇÃO

**SESSÃO-LEITURA DE LISÍSTRATA**

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | O QUE QUERO VER ESPECIAL

**MARRIED TO THE MOB**  
de Jonathan Demme

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LISÍSTRATA  
- UMA LEITURA, UMA PROJEÇÃO

**FLICKORNA**  
**"As Raparigas"**  
de Mai Zatterling

## 07 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**NOT WANTED**  
de Elmer Clifton, Ida Lupino (não creditada)

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O CENTENÁRIO DO CINEMA DE  
ANIMAÇÃO PORTUGUÊS

**PROGRAMA GERAÇÃO DE HOJE**  
de vários realizadores

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | HOURS AND HOURS

**NO. 5 CHECKED OUT**  
**THE MASKS**  
**THE SIXTEEN-MILLIMETER SHRINE**  
**SYBILLA**  
de Ida Lupino

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIA

**CURTAS-METRAGENS DA UNIVERSIDADE LUSÓFONA**  
de vários realizadores

## 09 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR  
- SÁBADOS EM FAMÍLIA / IN SHADOW

**TOP HAT**  
de Mark Sandrich

17H15 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS  
SÁBADOS CLÁSSICOS



**THE MAN WHO SHOT LIBERTY VALANCE**  
de John Ford

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | HOURS AND HOURS

**ROOKIE OF THE YEAR**  
**FLASHING SPIKES**  
de John Ford

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOC'S KINGDOM

**FALLING LESSONS**  
de Amy Halpern

## 11 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O QUE QUERO VER ESPECIAL

**COP LAND**  
de James Mangold

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DJIBRIL DIOP MAMBÉTY  
- CAVALGAR O VENTO

**LE FRANC**  
**LA PETITE VENDEUSE DE SOLEIL**  
de Djibril Diop Mambéty

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | HOURS AND HOURS

**FRIGHTENED DOLL**  
**SIGN OF THE ZODIAC**  
**ADVENTURE ON HAPPINESS STREET**  
de Jacques Tourneur

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**THE FEARMAKERS**  
de Jacques Tourneur

## 12 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA LUÍS DE PINA | DJIBRIL DIOP MAMBÉTY  
- CAVALGAR O VENTO



**TOUKI-BOUKI**  
**"A Viagem da Hiena"**  
de Djibril Diop Mambéty

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | BORIS LEHMAN  
REALIZADOR CONVIDADO

**ALBUM 1**  
de Boris Lehman

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | HOURS AND HOURS

**INCIDENT AT THE CORNER**  
**I SAW THE WHOLE THING**  
de Alfred Hitchcock

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**PSYCHO**  
de Alfred Hitchcock

## 13 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**BANG! YOU'RE DEAD**  
**THE TROUBLE WITH HARRY**  
de Alfred Hitchcock

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | BORIS LEHMAN  
REALIZADOR CONVIDADO

**A LA RECHERCHE DU LIEU DE MA NAISSANCE**  
de Boris Lehman

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | DJIBRIL DIOP MAMBÉTY  
- CAVALGAR O VENTO

**CONTRA'S CITY**  
**BADOU BOY**  
de Djibril Diop Mambéty

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**BREAKDOWN**  
**REVENGE**  
**FOUR O'CLOCK**  
de Alfred Hitchcock

## 14 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**NIGHT CALL**  
**THE LEOPARD MAN**  
de Jacques Tourneur

18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ROBERT BRESSON VISTO POR  
ROBERT B. PIPPIN



**PICKPOCKET**  
de Robert Bresson

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | BORIS LEHMAN  
REALIZADOR CONVIDADO

**COUPLE, REGARDS, POSITIONS**  
de Boris Lehman

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O INSHADOW -  
LISBON SCREENDANCE FESTIVAL

**THE RED SHOES**  
de Michael Powell e Emeric Pressburger

## 15 SEXTA-FEIRA

16H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS



**THE BRUSH ROPER**  
**CHAIN LIGHTNING**  
de Stuart Heisler

18H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | NOS 25 ANOS DO AIP



**O FIM DO MUNDO**  
de Basil da Cunha

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | BORIS LEHMAN  
REALIZADOR CONVIDADO

**MASQUE**  
**LA DERNIÈRE (S)CÈNE : L'ÉVANGILE SELON ST-BORIS**  
**L'IMAGE ET LE MONDE**  
**CHOSSES QUI ME RATTACHENT AUX ÊTRES**  
**L'HOMME DE TERRE**  
de Boris Lehman

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIAS  
O QUE QUERO VER ESPECIAL

**MNEMOSYNE**  
de Mário Fernandes  
**BALAMOS**  
de Stávros Tornés

## 16 SÁBADO

11H00 | SALA DE LEITURA DA BIBLIOTECA | CINEMATECA JÚNIOR | OFICINA

**TEATRO DE SILHUETAS**  
- A CAIXA DO NATAL EM LUZ E SOMBRAS

14H30 | SALA LUÍS DE PINA | BORIS LEHMAN  
REALIZADOR CONVIDADO



**MES ENTRETIENS FILMÉS**  
de Boris Lehman

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR  
- SÁBADOS EM FAMÍLIA

**DUMBO**  
de Samuel Armstrong, Norman Ferguson,  
Wilfred Jackson

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O INSHADOW -  
LISBON SCREENDANCE FESTIVAL  
SÁBADOS CLÁSSICOS

**LES DEMOISELLES DE ROCHEFORT**  
de Jacques Demy

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O INSHADOW -  
LISBON SCREENDANCE FESTIVAL

**STORMY WEATHER**  
de Andrew L. Stone

### VENDA DE BILHETES

**Bilheteira Local** (ed. Sede - Rua Barata Salgueiro, nº 39)  
Segunda a Sexta-feira, 14h30-15h30 e das 17h30-22h  
Sábados 14h-21h30

**Bilheteira On-line** [www.cinemateca.bol.pt](http://www.cinemateca.bol.pt)

**Modos de pagamento disponíveis:**

Multibanco (\*) - MB Way - Cartão de Crédito - Paypal (\*\*)

(\*) O pagamento através de Referência Multibanco tem um custo adicional de 0,50€ para montantes inferiores a 10,00 € (\*\*) O pagamento através de Paypal tem um custo adicional de 0,40€ para montantes inferiores a 30,00€

A aquisição de bilhetes em [www.cinemateca.bol.pt](http://www.cinemateca.bol.pt) e nos pontos de venda aderentes tem custos de operação associados no valor de 6%, acrescidos de IVA, sobre o valor total da compra.

**Mais informações:** <https://www.bol.pt/Ajuda/CondicoesGerais>

**Pontos de venda aderentes**

(consultar lista em <https://www.bol.pt/Projecto/PontosVenda>)

## 18 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DJIBRIL DIOP MAMBÉTY  
- CAVALGAR O VENTO**LE FRANC**  
**LA PETITE VENDEUSE DE SOLEIL**  
**de Djibril Diop Mambéty**

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**NOT WANTED**  
**de Elmer Clifton, Ida Lupino (não creditada)**19H30 | SALA LUÍS DE PINA | BORIS LEHMAN  
REALIZADOR CONVIDADO**HOMME PORTANT SON FILM LE PLUS LOURD**  
**de Boris Lehman**21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DJIBRIL DIOP MAMBÉTY  
- CAVALGAR O VENTO**PARLONS GRAND-MÈRE**  
**HYÈNES**  
**de Djibril Diop Mambéty**

## 19 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**MY SON JOHN**  
**de Leo McCarey**18H00 | SALA LUÍS DE PINA | BORIS LEHMAN  
REALIZADOR CONVIDADO**HISTOIRE DE MA VIE RACONTÉE PAR MES**  
**PHOTOGRAPHIES**  
**de Boris Lehman**

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**TOM & JERRY**  
**MEET THE GOVERNOR**  
**de Leo McCarey**

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIA

**VIAGEM AO SOL**  
**de Ansgar Schaefer, Susana Sousa Dias**

## 20 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA LUÍS DE PINA | HOURS AND HOURS

**SUSAN SLEPT HERE**  
**de Frank Tashlin**

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | COM A LINHA DE SOMBRA

**SHANGHAI EXPRESS**  
**de Josef von Sternberg**19H30 | SALA LUÍS DE PINA | BORIS LEHMAN  
REALIZADOR CONVIDADO**A COMME ADRIENNE**  
**de Boris Lehman**

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**THE FACE IS FAMILIAR**  
**THE HONEST MAN**  
**de Frank Tashlin**

## 21 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**HARDLY WORKING**  
**de Jerry Lewis**19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | BORIS LEHMAN  
REALIZADOR CONVIDADO**HISTOIRE DE MES CHEVEUX (DE LA BRIÈVETÉ DE LA VIE)**  
**de Boris Lehman**

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | HOURS AND HOURS

**THE JAZZ SINGER**  
**de Ralph Nelson**

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FILMAR / O DIA MAIS CURTO

**AS GAIVOTAS CORTAM O CÉU**  
**AS PALAVRAS DERRETEM-SE NA ÁGUA**  
**SAL SEM MAR**  
**SOBRE A TERRA E SOBRE O MAR**  
**SÃO MIGUEL, 1924 - UM FILME DE FAMÍLIA**  
**COMEZAINAS**  
**de vários realizadores**

## 22 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**VERBOTEN**  
**de Samuel Fuller**

18H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | NOS 25 ANOS DO AIP

**PATRICK**  
**de Gonçalo Waddington**19H30 | SALA LUÍS DE PINA | BORIS LEHMAN  
REALIZADOR CONVIDADO**UNE HISTOIRE DE CHEVEUX (SIBÉRIE)**  
**de Boris Lehman**

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**DOG FACE**  
**THE DAY OF RECKONING**  
**de Samuel Fuller**

## 23 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR  
- SÁBADOS EM FAMÍLIA**ARTHUR CHRISTMAS**  
**de Sarah Smith, Barry Cook**17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS  
SÁBADO CLÁSSICOS**MY SON JOHN**  
**de Leo McCarey**

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | HOURS AND HOURS

**THE FOUNTAIN OF YOUTH**  
**THE BASQUE COUNTRY**  
**THE QUEEN'S PENSIONERS**  
**de Orson Welles**

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**FALSTAFF ON DEAN MARTIN SHOW**  
**CHIMES AT MIDNIGHT**  
**de Orson Welles**

## 26 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O QUE QUERO VER ESPECIAL

**CARO DIARIO**  
**de Nanni Moretti**

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | O QUE QUERO VER ESPECIAL

**TWILIGHT'S LAST GLEAMING**  
**de Robert Aldrich**

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**THE UNTOUCHABLES, Part I e II**  
**de Phil Karlson**

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**99 RIVER STREET**  
**de Phil Karlson**

## 27 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O QUE QUERO VER ESPECIAL

**FORTY GUNS**  
**de Samuel Fuller**

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**HIGH GREEN WALL**  
**SAVAGE INNOCENTS**  
**de Nicholas Ray**

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | O QUE QUERO VER ESPECIAL

**MAKE WAY FOR TOMORROW**  
**de Leo McCarey**

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**BANG! YOU'RE DEAD**  
**THE TROUBLE WITH HARRY**  
**de Alfred Hitchcock**

## 28 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**SUSAN SLEPT HERE**  
**de Frank Tashlin**

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O QUE QUERO VER ESPECIAL

**CAUGHT**  
**de Max Ophuls**

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | HOURS AND HOURS

**DUEL OF HONOR**  
**THE DESERTER****PANIC**  
**de Joseph H. Lewis**

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**MY NAME IS JULIA ROSS**  
**de Joseph H. Lewis**

## 29 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**HARDLY WORKING**  
**de Jerry Lewis**

18H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | NOS 25 ANOS DA AIP

**ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ**  
**de José Barahona**

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | HOURS AND HOURS

**NIGHT CALL**  
**THE LEOPARD MAN**  
**de Jacques Tourneur**

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS

**VERBOTEN**  
**de Samuel Fuller**

## 30 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR  
- SÁBADOS EM FAMÍLIA**FANTASIA**  
**de Walt Disney**17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOURS AND HOURS  
SÁBADOS CLÁSSICOS**PSYCHO**  
**de Alfred Hitchcock**

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | HOURS AND HOURS

**THE BRUSH ROPER**  
**CHAIN LIGHTNING**  
**de Stuart Heisler**

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | INADJECTIVÁVEL

**EL BRUTO**  
**de Luis Buñuel**EDIÇÕES DA  
CINEMATECAdisponíveis  
na livraria

## PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES

Preço dos bilhetes: 3,20 Euros

Sessões Cinemateca Júnior (até 16 anos) - 1,10 euros

Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas &gt; 65 anos - 2,15 euros

Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35 euros

Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262

Horário da bilheteira: Segunda a Sexta-feira, 14h30-15h30 e das 17h30-22h | Sábados 14h-21h30

Tel. 213 596 262

Venda online em cinemateca.bol.pt

Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC

## BIBLIOTECA

Segunda-feira/Sexta-feira, 14h - 19h30

## ESPAÇO 39 DEGRAUS

Livraria LINHA DE SOMBRA | Segunda-feira/Sábado, 14h - 22h (213 540 021)  
Restaurante-Bar, Segunda-feira/Sábado, 12:30 - 01hTransportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida  
Bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745

Disponível estacionamento para bicicletas

Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa | www.cinemateca.pt